

A close-up, portrait-oriented photograph of Santa Claus. He is wearing his traditional red suit with white fur trim and a white fur hat. He has a long, white beard and is wearing thin, gold-rimmed glasses. He is looking directly at the camera with a slight smile. The background is blurred, showing warm, out-of-focus lights, suggesting an indoor holiday setting.

CHARLES RIVER EDITORS

PAPAI NOEL

*As origens históricas e a evolução
da figura lendária do Natal*

A decorative border at the bottom of the page featuring several red Christmas ornaments. Some are plain red, while others have white floral or snowflake patterns. They are arranged in a cluster, partially overlapping each other.



Papai Noel: As origens históricas e a evolução da figura lendária do Natal
Por Charles River Editors



Representação de Thomas Nast do Papai Noel no final do Século 19.

Sobre a Charles River Editors

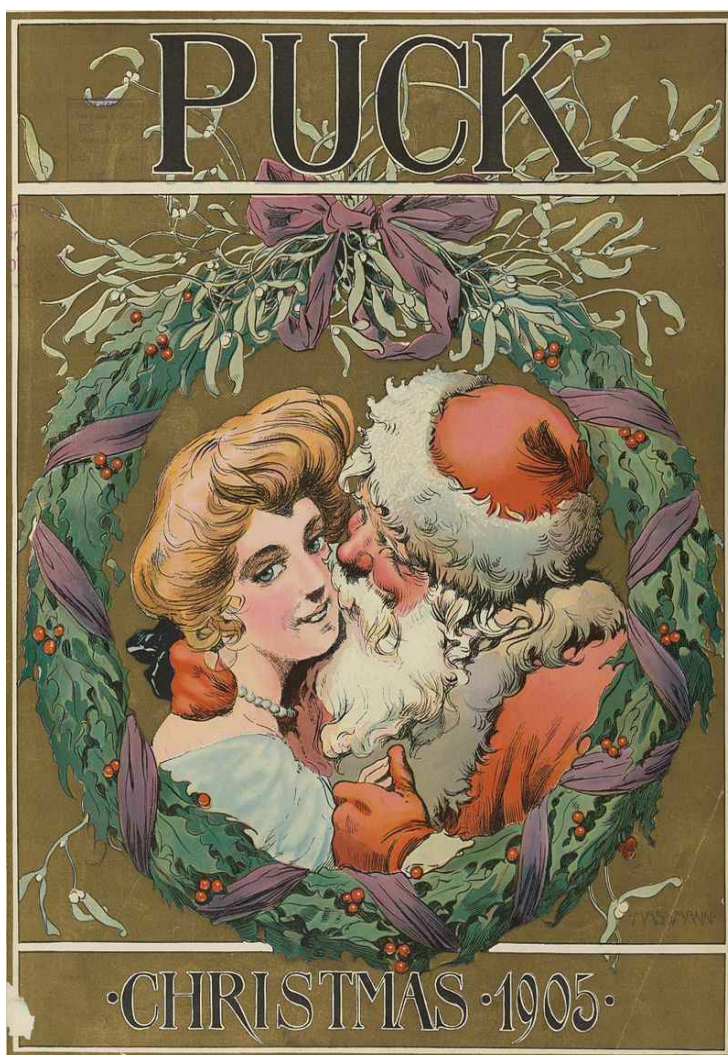


A Charles River Editors é uma editora digital especializada em trazer a história de volta à vida com livros educativos e envolventes em uma ampla gama de tópicos. Mantenha-se atualizado sobre nossas ofertas novas e gratuitas [com uma inscrição de cinco segundos em nossa lista de e-mail semanal](#) e visite [Nossa Página de Autor na Amazon](#) para ver outros títulos recentemente publicados no formato Kindle.

Fazemos estes livros para você e sempre queremos ouvir as opiniões de nossos leitores, por isso, incentivamos você a avaliar nossos títulos e aguardamos ansiosamente a publicação de novos títulos interessantes todas as semanas.

Introdução

Papai Noel



“Caro editor –

Eu tenho 8 anos de idade. Alguns dos meus amiguinhos dizem que não o Papai Noel não é real. O papai diz:

— Se você leu isso no *The Sun*, então é verdade. Por favor, me diga a verdade, o Papai Noel existe?

– Carta escrita por Virginia O’Hanlon em para o jornal *The Sun* (1897).

O Natal é o feriado mais importante do ano. Após os dias que exaltam o orgulho nacional de cada país, como o Dia da Independência nos Estados Unidos, o Dia da Vitória na Rússia ou o Dia da Bastilha na França, 25 de dezembro é o dia que estrutura a vida, o trabalho e a economia em grande parte do mundo, incluindo muitos países não cristãos. Desde os tempos antigos, o início do

inverno (no hemisfério norte) tem sido uma ocasião para que a maioria das pessoas coma, beba, dance e se reúna para celebrar e descansar.

Especialmente, desde o Século 20, os dias adjacentes ao feriado tornaram-se uma ocasião para se fazer grandes negócios. A temporada de inverno é o estímulo mais sólido para a economia – mais do que qualquer fardo fiscal – já que as rendas das famílias, gastos, crédito e consumo em todos os setores produtivos aumentam significativamente. Nos Estados Unidos, estima-se que as vendas de Natal gerem US\$ 3 trilhões.

O ano de 1804 provaria ser outro marco na história do Natal. Naquele ano, um negociante de antiguidades, chamado John Pintard, fundou a Sociedade Histórica de Nova York e promoveu São Nicolau como padroeiro da cidade. Cinco anos depois, o escritor Washington Irving publicou, sob pseudônimo, um relato semi-ficcional de Nova York. Irving obteve amplas licenças poéticas para fabricar alguns mitos sobre a fundação da metrópole e, em um deles, o admirador, Olaf Van Cortlandt, um dos fundadores de Nova Amsterdã, tem um sonho em que São Nicolau revela a ele o futuro brilhante que espera por aquela imensidão de florestas e lagos: “E o sábio Oloffte teve um sonho – e eis! O bom São Nicolau veio cavalgando por cima das árvores, naquela mesma carroça onde trazia os presentes anuais para as crianças. E ele desceu por onde os heróis de Communipaw fizeram sua refeição tardia. E acendeu seu cachimbo junto ao fogo, sentou-se e fumou; e, enquanto fumava, a fumaça de seu cachimbo subiu no ar e se espalhou como uma nuvem sobre ele. E Oloffte o procurou, e ele se apressou e subiu até o topo de uma das árvores mais altas, e viu que a fumaça se espalhava em grande parte do país – e, ao considerá-la mais atentamente, imaginou que o grande volume de fumaça assumisse uma variedade de formas maravilhosas, onde, na obscuridade, viu palácios e cúpulas sombreados, e altos pináculos, que duraram apenas um momento, e, depois, sumiram, até que o tudo partiu, e nada além da floresta verde foi deixada. E, quando São Nicolau fumou seu cachimbo, ele torceu-o com a bandana e, colocando o dedo ao lado do nariz, olhar com muito significado para Van Kortlandt, depois, montou a carroça, voltou para a copa das árvores e desapareceu.

No ano seguinte, a Sociedade contratou o artista Alexander Anderson para fazer uma pintura para o jantar anual deles, em 6 de dezembro, Dia de São Nicolau. A pintura de Anderson, um tríptico, mostra São Nicolau segurando uma vara em frente a um favo de mel. Ao lado dele, há um cão, mas outros elementos da lenda foram perdidos.

O lado direito do tríptico é o mais interessante. No topo, estão dois garotos, uma garota com seu avental cheio de frutas, sorrindo, e um garoto de mãos vazias, enxugando as lágrimas. Debaixo das crianças, há uma chaminé com duas meias penduradas nos dois lados; uma cheia de presentes e, a outra, com cardos. A cena é complementada por soldados de brinquedo e um gato ao pé da lareira. O nome *Sinterklaas*, difícil para as crianças americanas pronunciarem, evoluiria para o *Santa Claus* nos Estados Unidos.^[1]

Naquela época, duas outras obras literárias apareceram e ajudaram a moldar o Natal. A primeira foi uma coleção de histórias de Washington Irving, intitulada *Sketch Book*, de 1819. A obra “não apenas deu à literatura norte-americana os personagens de Ichabod Crane e Rip Van Winkle, mas despertou grande interesse no Natal como um ritual doméstico acolhedor”.^[2] Em seguida, veio *A Visit from St. Nicholas*, um poema infantil mais conhecido como “A Noite Antes

do Natal”, publicado anonimamente em 1823, mas tradicionalmente atribuído a Clement Clarke Moore, um professor universitário e estudioso da Bíblia. O poema se espalhou rapidamente e ajudou a instalar uma imagem definitiva do Papai Noel no imaginário popular, com seu trenó, suas oito renas (cada uma com um nome), seu nariz vermelho e suas viagens pelas chaminés para encher as meias das crianças com brinquedos. Supostamente, Moore teve sua inspiração durante um passeio de compras em um trenó, e ele baseou seu Papai Noel em um holandês que vivia no Chelsea.

“Então, até o topo da casa, os corcéis voaram,
com o trenó cheio de brinquedos, e São Nicolau também.
E, então, em um piscar de olhos, eu ouvi no telhado
o empinado e o movimento de cada pequeno casco.
Quando estiquei minha mão, e estava virando,
descendo pela chaminé, São Nicolau veio com tudo.
Ele estava vestido todo em pele, da cabeça até o pé,
e suas roupas estavam manchadas de cinzas e fuligem;
um pacote de brinquedos que ele tinha jogado nas costas,
e ele parecia um vendedor prestes a abrir sua bolsa.
Seus olhos – como eles brilhavam! Suas covinhas tão alegres!
Suas bochechas eram como rosas, seu nariz como uma cereja!
Sua pequena boca divertida estava desenhada como um arco,
e a barba de seu queixo, branca como a neve...

Enquanto isso, o ponto de virada para o velho São Nicolau, agora Papai Noel, veio com a edição de 24 de dezembro de 1881 da *Harper's Weekly*. O artista Thomas Nast deu ao Papai Noel sua aparência definitiva para a edição de Natal, como um homem velho com uma enorme barriga redonda e um cinto, uma espessa barba branca, um nariz vermelho, um gorro com um visco, um brinquedo em miniatura em uma mão, um cachimbo entre os dedos e uma criança pendurada no pescoço.

Desde então, o Papai Noel é conhecido em todo o mundo por ser encantadoramente barrigudo e infinitamente alegre. Para a maioria, essas duas descrições são suficientes para evocar seu nome e levá-los a imaginar um avô de barriga redonda, vestido com um conjunto vermelho-cereja, armado com bastões de doces e um saco sem fundo cheio de presentes, além de abençoado com uma barba espessa branco-prateada.

Papai Noel é um homem com muitos apelidos – Kris Kringle, Papai Natal, entre outros – e é, talvez, a personalidade mais icônica e conhecida internacionalmente na história recente. Os entusiastas da cultura pop sabem como traçar as raízes do Papai Noel até São Nicolau de Myra (como sugerido por outro nome alternativo, "Saint Nick"), e é amplamente aceito que a Coca-Cola fabricou a imagem contemporânea do Papai Noel adotada pelo mundo. Ambos os casos estão apenas parcialmente corretos, porque, na realidade, o Papai Noel é uma mistura cheia de cor de diferentes figuras que aparecem nas histórias folclóricas de vários países ao longo de uma ampla gama de séculos.

Papai Noel: As origens históricas e a evolução da figura lendária do Natal analisa como o

personagem e seus famosos atributos surgiram, as inspirações históricas por trás dele, e todas as histórias que evoluíram em torno dele. Junto com fotos que retratam pessoas, lugares e eventos importantes, você aprenderá sobre a história do Papai Noel como nunca antes.

[Papai Noel: As origens históricas e a evolução da figura lendária do Natal](#)

[Sobre a Charles River Editors](#)

[Introdução](#)

[Os mitos por trás do mito](#)

[O homem por trás do mito](#)

[Papai Noel na Europa Medieval](#)

[Papai Noel na América](#)

[Papai Noel se torna comercializável](#)

[Recursos online](#)

[Leitura Complementar](#)

[Livros gratuitos da Charles River Editors](#)

[Livros com desconto da Charles River Editors](#)

Os mitos por trás do mito

“Ó, quando você vê a Caçada Selvagem passar...

Eles colocarão os sapatos de Hel em seus pés;

Eles vão preparar cerveja e abater carne.

Um homem nu vai acender sua pira

E, então, as chamas vão pular mais alto... – Jordsvin, "A Canção da Caça Selvagem"

Pode surpreender um pouco saber que o Papai Noel, em grande parte americanizado, adorado por crianças de todo o mundo hoje, traça uma de suas primeiras influências até lendas e tradições pagãs, mais especificamente aquelas contadas pelos escandinavos do norte.

Entre os deuses nórdicos, era Wodin, mais conhecido como Odin, que reinava acima de todos. Embora principalmente associado à morte e a cura, ele também presidiu guerras, realezas, e os campos do conhecimento e da poesia. Em primeiro lugar, Wodin era um descendente do antigo deus germânico do vento e dos que haviam partido, muitas vezes, conectado a um equivalente feminino conhecido como “Freya”. Como dito pelo folclore nórdico, Wodin era pai de Thor, Baldur e Tiw, e foi descrito como profundamente espiritual e repleto de sabedoria, ainda que notoriamente volúvel.



Representação de 1886 de Georg von Rosen de Odin.

Wodin foi a figura comemorativa central do antigo Yule, um feriado festivo que acontecia no meio do inverno, geralmente coincidindo com o Solstício de Inverno (o dia mais curto do inverno) no dia 21 de dezembro. Assim como o Papai Noel moderno, Wodin era uma divindade aparentemente onisciente, reverenciada e temida pelas crianças nos territórios vikings, particularmente durante aquela estação, pois ele levava alegria aos bem-comportados e causava problemas aos desobedientes.

Em contraste com o bondoso e sociável Papai Noel, porém, Wodin não era simpático nem fofo. Na verdade, as barbas brancas e as marcas da idade são os únicos atributos físicos que compartilham. O sábio Wodin era alto, esquelético e enrugado – lembrando um pouco Gandalf de J.R.R. Tolkien – com uma rica barba trançada e um cajado de madeira retorcida permanentemente na mão. Nas pinturas, a figura quase esquelética de Wodin se escondia sob um manto azul-escuro largo, com um capuz sombrio envolto por uma órbita oca vazia. Outras representações o fazem ter um chapéu de aba larga ou um capuz triangular de tecido preto, ajustado sob o chapéu de um mago, para o mesmo propósito.

Ao mergulhar mais fundo no significado de Wodin na época do Yule, suas conexões com sua contraparte contemporânea tornam-se ainda mais aparentes. Para começar, Wodin, também conhecido como “*Jólnir*, – o mestre de Yule, entregou presentes e disciplina, não num trenó vermelho de pelúcia rodeado de ouro, mas nas costas de seu garanhão voador: uma magnífica besta de oito patas que ele chamava de “*Sleipnir*”. *Sleipnir* era a cria do escandaloso deus *Loki*, em forma de égua, e *Svadilfari*, um poderoso cavalo mortal. *Sleipnir* era o antecessor do rebanho de renas mágicas do Papai Noel. Wodin também era, supostamente, acompanhado por um par de corvos falantes chamados *Muninn* e *Huginn*, que serviram de animais de estimação e espiões leais. Wodin, de acordo com a crença dos vikings, vigiava todos seus encargos ao longo do ano e, quando chegasse o Yule, os resultados das avaliações de Odin seriam apresentados. Em outras palavras, ele sabia se alguém tinha sido ruim ou bom, então era melhor que tivessem sido bons.

A excursão de Wodin sobre os telhados dos adormecidos na terra dos nórdicos ocorria durante o que é agora referido como o “Passeio Selvagem” ou a “Caçada Selvagem”. O temível deus montava *Sleipnir* e encabeçava a procissão espectral, uma comitiva de caça diversa composta por outros deuses, almas fantasmagóricas e personagens sobrenaturais, incluindo “valquírias com espadas”, fadas, duendes e elfos. Deixando os deveres de caça de lado, a tripulação desequilibrada descia e assustava adultos e crianças que ainda vagavam pelas ruas tarde da noite.

As crianças obedientes, por outro lado, esperavam ansiosamente pelas visitas de Wodin. As crianças enchiam botas com palha, cenoura ou outros vegetais para *Sleipnir* e as colocavam cuidadosamente na lareira, assim como as crianças hoje preparam pratos de biscoitos recém-assados e um copo de leite gelado para o visitante da meia-noite. As botas cheias de palha também podem ter inspirado as meias de Natal agora penduradas acima de lareiras dentro das casas. Wodin ia até as fogueiras e deslizava pelas chaminés das cabanas nórdicas; outros dizem que ele simplesmente se materializava.

Na manhã seguinte, as crianças corriam até as botas. Aqueles que tinham passado nos testes de Odin gritavam de alegria, pois a palha em seus sapatos havia sido substituída por punhados de doces, maçãs e pequenas bugigangas, entre outros presentes. Crianças maldosas se afastavam das botas, choramingando, pois nelas nada havia.

Vários outros elementos derivados do culto de Wodin também podem ser encontrados no atual panteão dos personagens de Natal. Wodin, por exemplo, foi saudado como o “Senhor de *Alfheim*”, terra dos elfos. Armas ocultas, jóias e outras parafernálias mágicas eram forjadas em uma espécie de fábrica, quilômetros e quilômetros abaixo da superfície da Terra, operada por esses elfos. Então, havia os chamados “bodes de Yule”. De acordo com o folclore medieval, Thor sobrevoou os céus em uma carruagem puxada por *Donder* e *Blitzen* (“*Trovão*” e “*Relâmpago*”), nomes de duas das oito renas que puxam o trenó do Papai Noel. Muitos séculos atrás, aldeões nórdicos, incorporando as cabras de Yule, vestiam roupas felpudas, máscaras terrivelmente detalhadas e uma série de outros disfarces assustadores e, conforme a tradição, exigiam presentes e prendas de seus vizinhos. Apenas no Século 19, o bode de Yule foi transformado em um personagem amável e dotado de dons. Hoje, muitos escandinavos amarram enfeites de palha artesanais de bodes de Yule nos galhos de suas árvores de Natal.

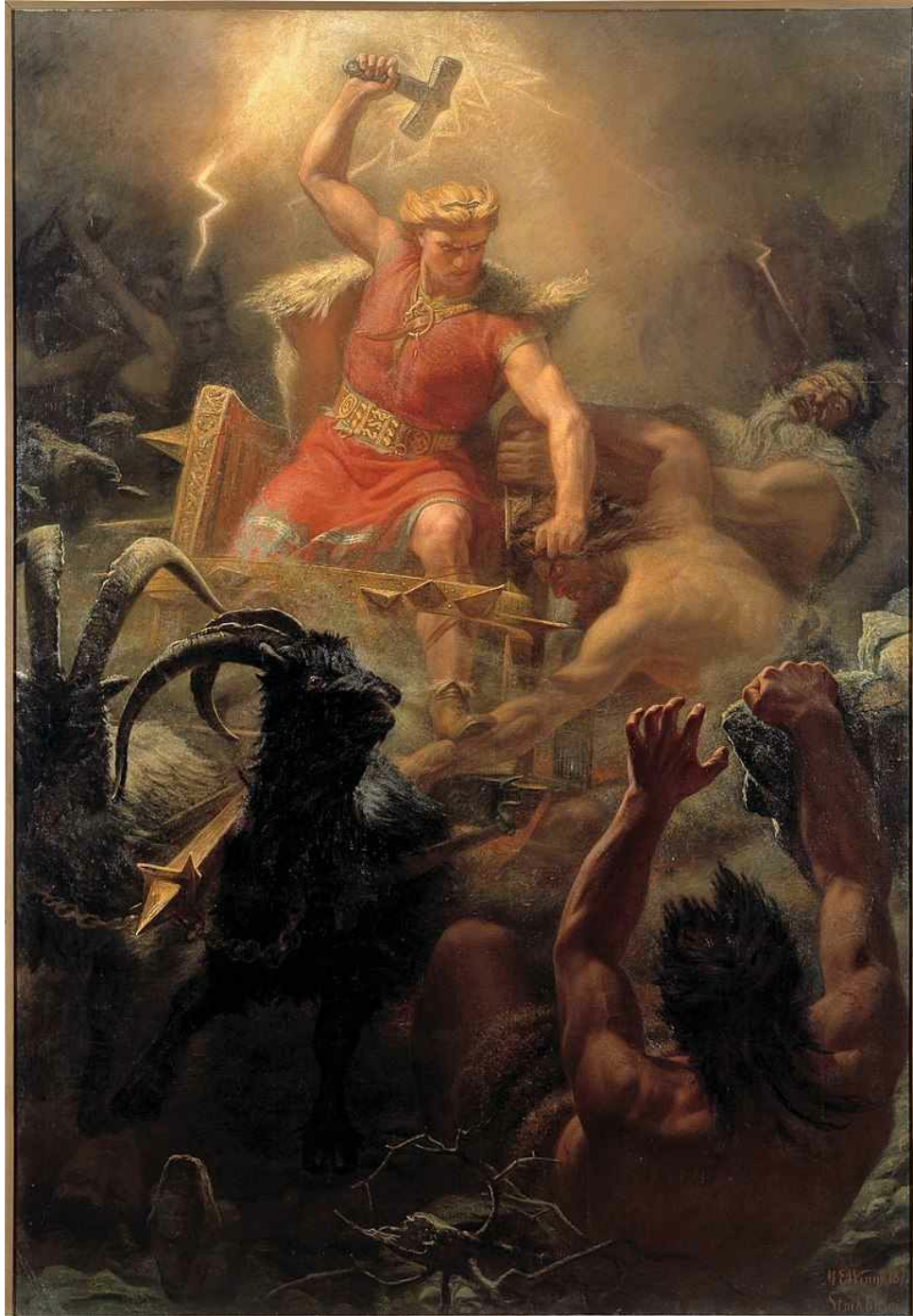
Em seguida, houve o javali de Yule, que não deve ser confundido com os bodes de Yule. Os

javalis crocantes, assados no fogo, eram servidos em pratos como oferendas à divindade nórdica, Freyr, deus da fertilidade, prosperidade e reinado sacro. Em troca do delicioso suíno – talvez o primeiro presunto de Natal – os aldeões esperavam receber muitas bênçãos durante o ano seguinte, muitos deles apostando na concepção de um filho. Presentes de bolos e doces de frutas secas também eram oferecidos aos deuses Freya e Frigg, assim como os espíritos de seus ancestrais.

Os paralelos entre o Yule e o Natal moderno não param por aí. Depois de um suntuoso jantar natalino, os aldeões iam para as florestas e para os pomares locais de maçã. Grupo por grupo, iam de uma árvore a outra, decorando macieiras e plantas, murmurando encantamentos. Acreditava-se que os encantamentos garantiriam colheitas frutíferas no próximo ano. Famílias e vizinhos também se sentavam em círculos, tecendo e juntando enormes círculos de galhos de pinheiro, que tinham certa semelhança com as guirlandas de Natal de hoje. Estes círculos de pinheiro representavam a “natureza cíclica das estações” e eram, então, incendiados e jogados pelas encostas das colinas como uma homenagem a Sól, deusa do sol.

A folia que se seguia durante o Natal era de natureza mais libertina e caótica do que as celebrações de Natal de hoje, marcadas por festas deliciosas e momentos de qualidade e saudáveis. Para o Yuletide, os vikings jantavam pedaços de carne variada e frutas suculentas e endurecidas, e engoliam taça após taça de “jól”, ou “yule”, essencialmente, um tipo de cerveja. Pode-se dizer que o jól, desde então, foi substituído por eggnog, uma bebida espessa à base de laticínios que consiste em conhaque ou rum e uma mistura de leite, açúcar e ovos.

Semelhanças impressionantes também podem ser detectadas em figuras míticas fora do culto de Wodin. Como mencionado acima, o Thor de barba branca empunhador de martelos, também conhecido como “Thunor”, é considerado outro ser mitológico que influenciou representações modernas do Papai Noel. Deixando as cabras encantadas de Thor de lado, o deus era frequentemente representado em vestes vermelhas reais, e em algumas ilustrações, era visto com um cabelo vermelho-gengibre desarrumado. Além disso, o vermelho, o branco e o preto vistos no guarda-roupa do Papai Noel, coincidentemente (ou talvez não), refletiam as cores associadas à Alemanha antiga, bem como seu sistema de castas ariano.



Pintura do Século 19, representando Thor, por Martin Winge.

Na década de 1980, alguns historiadores afirmaram ter encontrado evidências que ligavam o Papai Noel ao xamanismo místico siberiano. Jason Mankey, de *Patheos*, explicou: “Nesta hipótese, o Papai Noel voava como um xamã em um trenó, as renas eram representativas dos espíritos das renas siberianas e suas vestes, vermelhas e brancas, derivavam dos cogumelos agáricos usados para facilitar o transe xamânico. Na realidade, os xamãs nunca andavam em trenós, raramente contatavam espíritos de renas, e só usavam cogumelos em raras ocasiões. Além

disso, as renas foram um acréscimo do Século 19 aos mitos do Papai Noel, e os siberianos não usavam roupas vermelhas e brancas. [Portanto], se o Papai Noel é relacionado ao xamanismo, é de maneira muito indireta.”

O homem por trás do mito

“Filhos, peço-lhes que corrijam seus corações e pensamentos, para que possam ser agradáveis a Deus. Considere que, embora possamos considerar que somos justos e, frequentemente, bem-sucedidos em enganar os homens, não podemos ocultar nada de Deus.” – atribuído a São Nicolau de Myra

Eventualmente, Wodin e outros cultos pagãos foram todos eliminados da existência por uma nova religião dominante: o Cristianismo. Mais governantes e soberanos começaram a subscrever a fé monoteísta e, com o tempo, o ato sacrílego de adorar Wodin e outros deuses pagãos foi banido. Ao mesmo tempo, as antigas tradições do Yule foram aposentadas, e as festividades, adiadas, para melhor se alinharem aos feriados cristãos.

Uma figura crucial no cristianismo se tornaria o mais renomado de todos os antecedentes do Papai Noel. Nascido nos Século 3 d.C., na pequena vila turca de Patara, Nicolau de Myra foi concebido e recebido no luxo, mas, apesar da riqueza de sua família, a tragédia logo se abateu sobre ele, quando a mãe e o pai ficaram gravemente doentes e morreram pouco depois.

Naturalmente, Nicolau ficou profundamente entristecido com a morte repentina daqueles que o criaram, mas ele estava decidido a fazer bom uso de sua herança substancial. Em vez de desperdiçar as riquezas em casas elaboradas, ainda vazias, roupas extravagantes e outros artigos superficiais, dedicou a totalidade de sua herança aos pobres e outros desesperadamente necessitados de ajuda.

Nicolau era um homem célebre, para dizer o mínimo. Um dos contos frequentemente repetidos em torno desse personagem fascinante é que ele conseguiu os dotes de uma trindade de filhas necessitadas, salvando assim as mulheres da prostituição. Na primeira noite, o pai das mulheres pregou uma linha de meias (em outras versões, botas) na parede, logo abaixo de uma das janelas de sua cabana em ruínas, conforme as instruções do provedor dos dotes. Apenas alguns minutos depois da hora marcada, uma bolsa de ouro gordo atravessou a janela e caiu em uma dessas meias, que foi descoberta pelo pai em êxtase na manhã seguinte. Como Nicolau havia prometido, mais duas bolsas de ouro apareceram nas meias nas duas noites seguintes. Esta é outra possível origem da tradição da meia de Natal.



Uma pintura renascentista do pai recebendo os dotes para as meninas.



Um ícone ortodoxo grego que representa São Nicolau dando tapas em Arius no Primeiro Conselho de Nicéia.



Uma imagem russa representando São Nicolau.

A notícia rapidamente se espalhou sobre o humilde, porém incomparavelmente generoso e amplamente influente Nicolau, mais tarde coroado Bispo de Myra. Ele continuou a ser lembrado muito depois de sua morte, venerado como o santo padroeiro das crianças e protetor de órfãos, marinheiros e prisioneiros. A modéstia e o sigilo que marcaram o trabalho de caridade de Nicolau, dizem alguns, residiram na fonte de inspiração por trás do agora amplamente celebrado jogo “Amigo Secreto”. Além disso, semelhante ao Papai Noel sempre consciente de suas ações, Nicolau também instou as crianças a recitar diligentemente suas orações diárias, honrar os pais e praticar boas ações.

Não há testemunhos contemporâneos ou obras sobre São Nicolau. Uma biografia sobre outro santo da mesma região, escrita cerca de cem anos depois, menciona uma visita ao túmulo de Nicolau de Myra. Seu nome também aparece em uma lista de participantes do Conselho de Nicéia, embora a lista tenha sido escrita mais de um século após o evento. Estas são as duas fontes mais antigas mencionando este proto-Papai Noel.

Em 520, cerca de dois séculos após sua morte, uma igreja dedicada a ele foi construída sobre as ruínas de um templo mais antigo, onde supostamente servia como bispo. Isto foi confirmado em 2017 por uma escavação profissional do governo turco que encontrou os restos da igreja mais antiga sob a construção do Século 6.^[3] Assim, não há nada implausível sobre a existência de um

histórico São Nicolau que tivesse o costume de ajudar os pobres e dar presentes anonimamente, mesmo que os escritos sobre ele tenham sido fortemente coloridos pela lenda. Sua celebração foi marcada para o dia 6 de dezembro e ele foi nomeado patrono das crianças.

Foi dito que os antigos gregos na cidade de Myra lamentaram a morte de seu amado bispo. O lenha que esses aldeões usaram para preservar as chamas da memória dele foram os feitos e fábulas dos milagres de São Nicolau, esbanjando-os aos mercadores e viajantes que iam até outras cidades. As histórias fascinantes acabaram por ganhar vida própria, tanto que novas histórias não comprovadas começaram a surgir.

Nicolau foi popularizado pela primeira vez como o santo padroeiro da navegação, desbancando os Divinos Gêmeos Pagãos Myra. Estátuas do casal – filhos do Deus Celestial – foram desmontadas e substituídas por efígies requintadas, entalhadas à mão, do sagrado bispo cristão. Com o tempo, a imagem do santo foi adicionada à maioria dos selos bizantinos oficiais.

Mais e mais cidades e vilas gregas adotaram Nicolau como padroeiro – fazê-lo era apenas lógico, pois o Império Bizantino era cercado pelo Mediterrâneo. Quando o Cristianismo penetrou pela primeira vez no Rus de Kiev no Século 9, os capitães e marinheiros daquela região (primeiro estado organizado em território russo) também foram colocados sob a proteção de Nicolau. Curiosamente – além de órfãos, marinheiros e crianças – os agiotas também selecionaram Nicolau como seu santo tutelar. Três bolas de ouro, comparáveis às três bolsas de ouro que o bispo presenteou às três irmãs, podiam ser vistas penduradas acima das portas da frente das lojas de penhor.

Nessa época, aqueles na Europa Ocidental sabiam sobre São Nicolau, mas não estavam familiarizados com os detalhes cativantes de sua vida. Isso mudou quando os turcos seljúcidas invadiram a Anatólia em 1.071, ainda usando o ímpeto de sua vitória na Batalha de Manzikert contra o imperador Romanus IV Diógenes e as forças bizantinas. Os cidadãos de Myra se prepararam para o inevitável e se renderam aos captores.

Em 1.087, uma companhia de gregos cristãos baseada no “calcanhar da Itália” elaborou um plano para “recuperar” os abençoados restos mortais de Nicolau dos conquistadores muçulmanos. Naquela primavera, uma tripulação disfarçada de mercadores foi despachada para Myra. Lá, conforme as instruções, os mercadores foram aos subsolos, roubaram o esqueleto e uma série de outras relíquias, e fugiram de volta para Bari, na Itália. A chegada dos ossos de Nicolau em Bari, no dia 9 de maio, agora é homenageada como a “transposição do santo”. Dois invernos depois, após a inauguração da nova catedral em Bari pelo papa Urbano II, os restos mortais de Nicolau foram sepultados sob o altar principal.

Agora que os restos do santo estavam em mãos cristãs, onde pertenciam, a Igreja mandou missionários para cidades vizinhas, esclarecendo os desinformados sobre os milagres de Nicolau. Os soldados de Bari que viajaram para terras distantes também trouxeram consigo os contos das notáveis realizações de Nicolau, e ele logo se tornou o santo mais popular de toda a Europa.

No Ocidente, Nicolau foi exaltado como o santo guardião de todas as crianças. Neste dia de festa, 6 de dezembro, os cristãos o veneravam dando presentes a seus entes queridos e vizinhos. Esta tradição era supostamente praticada em Utrecht, na Holanda, já em 1.163.

Acredita-se, agora, que a prática foi desencadeada por um humilde grupo de freiras de uma aldeia francesa não identificada. No início, elas viajavam apenas para ruínas ou os lugares onde dormiam crianças sem dinheiro, deixando secretamente pequenas porções de doces antes de desaparecerem pela noite. À medida que as operações se expandiram, as freiras começaram a se esgueirar pelas portas destrancadas das casas vazias, colocando sacolas de doces nos sapatos dos comportados e um único galho de salgueiro nas botas de crianças problemáticas. Como essas freiras rastreavam crianças delinquentes é desconhecido; só se pode supor que algum tipo de colaboração entre os pais e as freiras tenha acontecido.

Mais frequentemente do que não, as freiras preferiram permanecer anônimas. Quando perguntados sobre a origem desses dons misteriosos, esta era sua única resposta: “Deve ter sido São Nicolau!”

Nem todas as freiras entregaram guloseimas. Na manhã do dia de São Nicolau, as famílias atingidas pela pobreza acordavam com cestas de pão e outros alimentos, bem como pacotes de roupas e, às vezes, algumas moedas de prata enroladas em farrapos. Ocasionalmente, as freiras também deixavam uma única tangerina ou maçã (um fruto bastante caro naquela época) nos calcanhares das meias e enchiam o espaço restante com uma mistura de nozes.

A tendência de dar presentes no Dia de São Nicolau finalmente atingiu outras regiões dos Países Baixos, espalhando-se pela Alemanha, Áustria, Suíça e Inglaterra, chegando até a Romênia. As freiras francesas foram permanentemente substituídas pelo espírito de visita de São Nicolau, pintado como um senhor enrugado, velho, vestido com um manto escarlate de bispo.

No final do Século 13, doces e outras delícias foram deixadas de lado em favor de ornamentos maiores e novidades de especial significado. A próxima fase dos presentes, afirmam os historiadores, foi motivada pela Igreja Católica com a intenção de incorporar às festas de fim de ano os presentes dados pelos Três Reis Magos na história da Natividade. Vendedores e empreendedores procuraram capitalizar a nova tendência ao construírem os “Mercados de São Nicolau”, que eram preenchidos com barracas vibrantes, cheias de brinquedos, bugigangas e guloseimas.

A realeza européia também começou a participar da tradição dos presentes. Em 1377, os súditos da corte do rei Carlos V da França receberam cálices dourados cheios até o topo com mirra, incenso e blocos de ouro. No dia de Ano Novo, quem era capaz de pagar presenteava seus monarcas com outro conjunto de presentes bonitos. Felizmente para estes sujeitos, eles não partiram de mãos vazias; em vez disso, saíam dos aposentos do rei com uma bacia de prata ou com uma bolsa de moedas.

Embora o Dia de São Nicolau tenha se tornado sinônimo de generosidade e doação de presentes, ele ainda estava muito longe do Papai Noel de rosto rosado e alegre do Século 21. As crianças da parte devota católica da Europa temiam a chegada inverno do fantasma santo, pois ele era tido como um bicho-papão virtuoso, mas vingativo, que atacava crianças malvadas.

Na Alemanha, havia dois detentores de presentes unidos por uma dinâmica “bom policial, mau policial”: São Nicolau e seu ajudante Knecht Ruprecht (Farmhand Rupert). Rupert, vestindo um manto castanho-sujo (às vezes de renda branca), com capuz de pele negra, vasculhava as ruas na

calada da noite, alimentando-se de crianças mal comportadas. Na Suíça e na Holanda, Nicolau empurrava as crianças más para o espaço infinito dentro de seu saco, com todo o cuidado de um coletor de lixo equipado com um catador de lixo. O saco pulsante de crianças era, então, arrastado para dentro da Floresta Negra, para nunca mais ser visto.

Em certas partes da Áustria, os pais religiosos foram ainda mais longe para enfatizar a importância de uma conduta adequada. Em seu dia, o santo, vestido em pleno traje do bispado, batia na porta da frente de crianças perversas, exigindo entrar. As crianças, em pânico, se escondiam, enroscando-se debaixo da cama ou dentro dos armários. Uma vez que achavam que o santo tinha ido embora, elas espiavam para fora de seus esconderijos, apenas para serem apreendidas e levadas para a sala ao lado pelo bispo que as aguardava. O bispo, então, se aproximava das crianças encolhidas e girava as mudas em seu punho para frente em um movimento rápido, parando logo acima da cabeça da criança que fungava. — Comportem-se mal novamente — rosnava o bispo. — E estarei de volta no próximo ano. Quer fossem presentes ou surras, São Nicolau não deixava de aparecer.

Professores empregados em escolas cristãs, particularmente os afiliados ao santo, também começaram a expandir a tradição. Cada 6 de dezembro, eles se sentavam em suas mesas, vestidos como o santo divino. Um por um, a fila de alunos avançava para ouvir o veredicto. Alunos com notas satisfatórias a excelentes e boa conduta eram recompensados com doces ou um pouco de dinheiro para gastar. Aqueles com notas abaixo do padrão e má conduta eram obrigados a ficarem após a dispensa para serem espancados com bastões de bétula.

Essas punições tornaram-se, de fato, um constituinte importante das tradições do Dia de São Nicolau, mas a Igreja Católica Romana lembrou aos cristãos de que não perdessem de vista a mensagem primordial da celebração. Demonstrar o amor de uma pessoa por seus filhos e sua apreciação pelo comportamento exemplar era bom, mas, mais importante, era que os ricos compartilhassem sua riqueza com os necessitados. Como Ambrósio de Milão, um associado de São Nicolau, disse certa vez: “Você não está transformando suas posses em presentes para o pobre. Você está entregando a ele o que é dele. Para o que foi dado em comum para o uso de todos, você se arrogou a si mesmo. O mundo foi dado a todos nós e não apenas aos ricos.”

Embora o conceito de incentivar deliberadamente os filhos a depositarem sua fé em um personagem fictício possa parecer relativamente estranho ou arcaico para alguns, as evidências mencionadas indicam que esse tipo de truque não estava preso a uma determinada época. Com o passar do tempo, pais, ao redor da Europa, continuaram a manter o fingimento e começaram a modernizar as tradições originais associadas ao Dia de São Nicolau. No Século 15, o autor suíço, Rudolf Hospinian, observou: “Era costume dos pais, na vigília de [São] Nicolau, dar, secretamente, presentes de vários tipos a seus filhinhos e filhas que eram ensinados a acreditar que deviam aquilo a bondade de São Nicolau e seu trem, que, subindo e descendo entre as cidades e aldeias, entravam pelas janelas, embora fechadas, e distribuíam presentes.

O mesmo sentimento também é encontrado em um poema escrito, no Século 16, pelo dramaturgo alemão Thomas Naogeorgus:

“...E quando todos eles em uma noite

No sono sem sentido eram lançados
Ambas as maçãs, nozes e peras traziam,
E outras coisas mais
Como chapéus, sapatos e anáguas,
Que secretamente escondiam,
E na manhã encontravam, diziam
Que esse São Nicolau havia trazido...”

O impulso do movimento de dar presentes inspirado em São Nicolau começou a declinar em 1.517, com o alvorecer da Reforma Protestante. Os católicos eram, incansavelmente, punidos por sua adoração “indevida” dos canonizados, principalmente quando se tratava do miraculoso São Nicolau. A Revolução Industrial, a ascensão do puritanismo na Europa e as críticas à veneração dos santos, que incluíam dedicatórias especiais a São Nicolau e São Venceslau, ofuscaram a festa na Europa. teólogo calvinista Walich Sieuwertz escreveu: “É um costume tolo e sem sentido encher os sapatos das crianças com todo tipo de doces e absurdos. O que mais é isso senão sacrifício a um ídolo? Aqueles que fazem isso não entendem o que é a religião verdadeira.” Em *History of New York*, Edwin Burrows e Mike Wallace escrevem que “desde a Reforma, os protestantes rejeitam o Natal como outro artefato da ignorância e do engano católico. Não apenas o Novo Testamento ficou em silêncio na data do nascimento de Cristo, eles notaram, mas a Igreja também escolheu o dia 25 de dezembro para coincidir com o início do solstício de inverno, evento tradicionalmente associado a plebeus selvagens e a contestações às autoridades.”

Martinho Lutero, líder seminal da Reforma, oficialmente proibiu todas as festividades que comemorassem o santo nos territórios protestantes. Dito isto, Lutero não teve ilusões sobre a proibição que estava impondo, e estava bem ciente das celebrações furtivas que inexoravelmente aconteceriam às escondidas. Em uma tentativa de preencher a lacuna de uma figura comemorativa durante o inverno, Lutero montou a história de *Christkindlein*.

Christkindlein, também conhecido como “*Christkindl*”, ou, simplesmente “Christkind”, pode ser traduzido diretamente como “Criança de Cristo”. Inicialmente, *Christkindl* foi retratado como um Jesus rechonchudo e parecido com um querubim em forma de criança. Os cristãos alemães, no entanto, não puderam sem comprados com a ideia de um bebê de asas voando de casa em casa no meio do inverno, pois tal história ou menção de um Cristo portador de um presente não é referenciada no Evangelho. Para corrigir isso, um novo personagem foi fabricado. Daqui em diante, *Christkindl* não era mais Cristo, mas um anjo bebê andrógino e sem nome, com cachos caramelo-loiros, olhos azuis brilhantes e asas douradas fofas.

A iconografia de *Christkindl* diferia em várias partes da Europa Protestante, incluindo territórios no que é hoje a Áustria, Liechtenstein, Hungria, Suíça, Eslováquia e República Tcheca. Em algumas versões, *Christkindl* foi retratado como uma menina jovem e sem asas, vestindo um casaco de pele com capuz, coberta por neve. Um cervo era, às vezes, visto trotando ao lado dela, com uma cesta pesada de brinquedos e frutas equilibrada em seu focinho. Outras vezes,

Christkindl realizava a missão em solidão, empurrando um carrinho de mão de guloseimas através de cortinas de neve que caíam.

Christkindl chegava não no dia 6 de dezembro, mas no dia 24 do mesmo mês, no último dia do Advento. Presentes eram empilhados ordenadamente debaixo do *Weihnachtsbaum*, uma árvore verde adornada com velas acesas, agora considerado o precursor da árvore de Natal. Como era costume durante a época, pais protestantes aconselhavam os filhos contra a conspiração de pegarem *Christkindl* no ato; diziam que o anjo presenteador pulava as casas dos jovens intrometidos. Somente quando ouviam o toque do sino (operado pelos pais), saíam correndo de seus quartos, indo direto aos presentes sob o *Weihnachtsbaum*.

Uma lenda atribui a invenção da árvore de Natal, ou talvez a “cristianização” do tronco de Yule, a Martinho Lutero, que, supostamente, caminhava pela floresta nevada numa véspera de Natal, viu as belas estrelas brilhando através dos ramos de um pinheiro e ficou tão comovido que levou uma para sua casa para mostrar ao filho a genuína mensagem de Natal: que Cristo era a luz do mundo. A origem deste conto inconfundivelmente apócrifo é possivelmente uma pintura de um artista chamado C.A. Schwerdgeburth que mostra o iniciador da Reforma e sua família sentados ao redor de uma linda árvore de Natal.



Papai Noel na Europa Medieval

“Cada um de vocês deve dar o que decidiu dar em seu coração, não com relutância ou sob compulsão, mas porque Deus ama um doador alegre.” – 2 Coríntios 9:7

Mais variações de São Nicolau continuaram a surgir por toda a Europa nos séculos seguintes.

Henry Machyn, diarista inglês do Século 16, relatou as emocionantes celebrações do Dia de São Nicolau que se desenrolaram nas ruas de Londres na década de 1550: “[Pessoas fantasiadas com as vestes do bispado de Nicolau] foram para as ruas na maior parte de Londres cantando à moda antiga... foram recebidas por boas pessoas e tinham muita alegria como sempre em muitos lugares...”

Curiosamente, embora os termos “Papai Natal” e “Papai Noel” sejam intercambiáveis no Reino Unido hoje, o primeiro Papai Natal e São Nicolau não o eram. O precursor sem nome do Papai Natal (nomeado aqui como Vovô Natal para não causar confusão) fez sua primeira estreia no folclore pagão e nos costumes de meio de inverno dos antigos povos britânicos.

Apesar do que seu nome poderia sugerir, o Rei Congelado era o pastor da primavera – uma figura imponente de barba branca envolta em um manto verde-esmeralda até o chão, enfeitado com uma única coroa de hera, azevinho ou visco. Quando a Grã-Bretanha entrou no período anglo-saxão no Século 5 d.C., o personagem do Vovô Natal foi fundido com o do “Pai Saxão do Tempo”, também conhecido como “Rei Congelado” ou “Rei Inverno”. Dawn Copeman, da *Time Travel Britain*, explicou: “Alguém se vestiria como o Rei Inverno e seria recebido em casas, onde se sentaria perto do fogo e receberia algo para comer e beber. Pensou-se que, sendo gentil com o Rei Inverno, as pessoas receberiam algo de bom em troca: um inverno mais ameno. Assim, o Papai Natal tornou-se associado ao receber de coisas boas.”

Os ingredientes finais que completariam o Papai Natal medieval vieram com a invasão dos normandos no Século 11, que trouxeram com eles as histórias do lendário São Nicolau.

A mais antiga referência tangível ao Papai Natal, no entanto, é datada de canção, do Século 15, de autoria do Reitor de Plymtree, Richard Smart:

“Noel, Noel, Noel, Noel

— Quem está aí que canta assim?

— Eu estou aqui, Senhor Natal.

— Bem-vindo, meu Senhor Natal.

— Bem-vindo a todos nós.

— Aproxime-se, Noel!”

Foi só então que o Papai Natal se tornou a personificação do espírito do Natal. Durante as eras de Tudor e Stuart, o Padre, o Senhor e o Capitão Natal eram convocados para as festas de fim de inverno e exibições de Natal promovidas em estabelecimentos públicos e nos espaçosos salões da classe alta.

Em 1.638, o dramaturgo Thomas Nabbes, nascido em Worcestershire, produziu o primeiro visual do Pai Natal sintetizado em sua corte de máscaras, *The Springs Glorie*: um homem velho, desgrehado, rotundo e fumegante, com olhos pequenos e sorridentes, e uma combinação de bigodes e barba da cor da neve recém-caída, vestindo um “capuz peludo”. Na véspera de Natal, o Papai Natal galopava por toda a cidade em sua jumenta ou égua, colocando pequenos presentes em meias e fronhas penduradas sobre a lareira ou nas cabeceiras das crianças adormecidas. Como sinal de gratidão, as crianças prepararam para o Papai Natal uma fatia de torta de carne, acompanhada de um copo de conhaque.

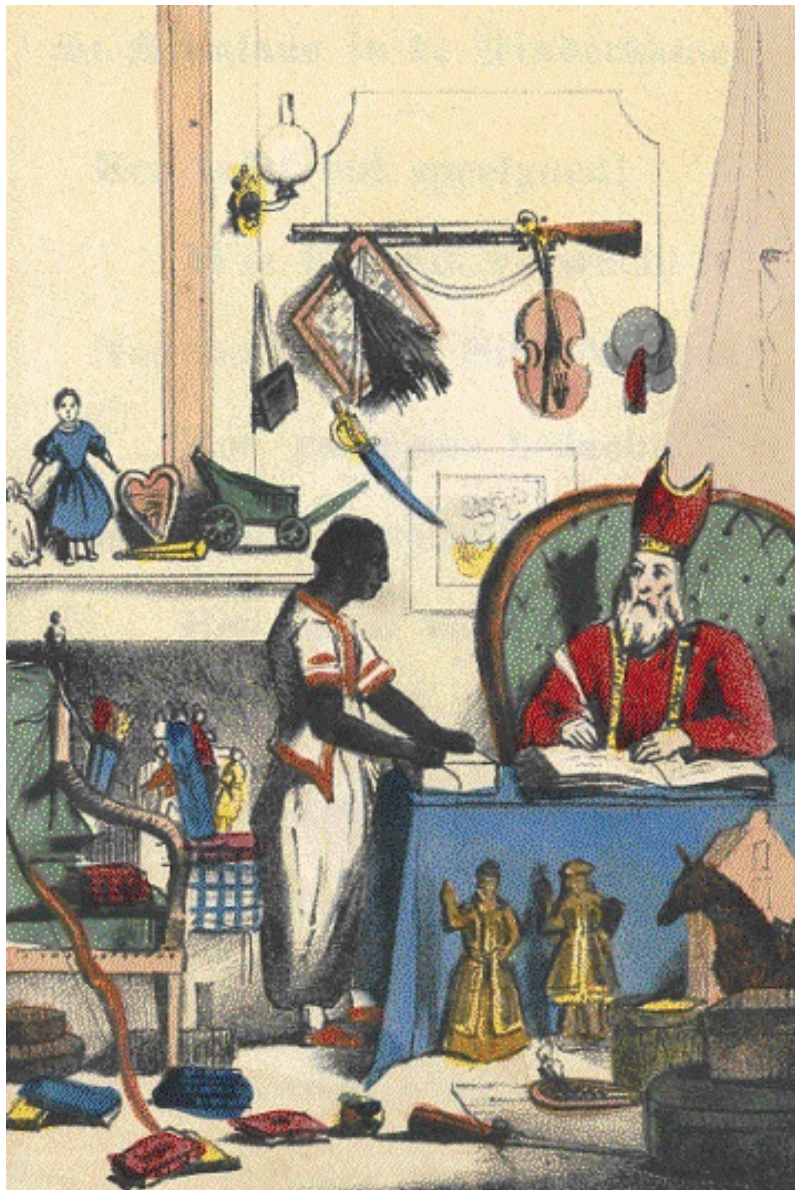
A meio caminho do Século 17, os puritanos britânicos ultraconservadores que não podiam mais tolerar a excessiva indiferença e a intempestiva carenagem ligada ao Natal proibiram totalmente o feriado – juntamente com o Papai Natal. Mesmo assim, os devotos continuaram a homenagear o Papai Noel enquanto levavam suas celebrações para as escondidas. O personagem foi silenciosamente inserido em uma peça de teatro invernal (peças sazonais apresentadas por trupes de atores conhecidos como “mummers” ou “guisers”). O seguinte é uma fala de abertura frequentemente usada em tais peças: — Então venho eu, velho Papai Natal — anuncia o ator ao tomar o centro do palco. — Que seja eu bem-vindo, ou não? Espero que o velho Papai Noel nunca seja esquecido.

Além desses dramas culturais, o Papai Natal também fez várias aparições em artigos de jornais de becos. Autores desses jornais em questão se referiam a ele como “Velho Natal”, simbolizando a nostalgia do povo em relação ao feriado proibido. Panfletos impressos por entusiastas e pelos chamados “recusanistas católicos” às escondidas pediam o retorno do Papai Natal. A seguir, uma passagem de um desses panfletos: “Qualquer homem ou mulher, que possa dar qualquer conhecimento, ou contar qualquer notícia de um velho, muito velho cavalheiro de barba grisalha, chamado Natal, que estava acostumado a ser um convidado muito familiar, visitando todos os tipos de pessoas, ambos pobres e ricos, e costumava aparecer em ouro reluzente, seda e prata, na corte e em todas as formas no teatro de White Hall, e tinha músicas, festas e alegria em todos os lugares, tanto na cidade quanto no campo, por sua vinda – quem pode dizer o que é aconteceu com ele, ou onde pode ser encontrado, deixe-o trazê-lo de volta para a Inglaterra!”

A proibição do Papai Natal foi retirada, mas só quando a Grã-Bretanha entrou na Era Vitoriana foi que o espírito do Natal foi reanimado com toda sua força.

Enquanto isso, 500 quilômetros a leste de Londres, crianças holandesas em toda a Holanda esperavam pacientemente a chegada de *Sinterklaas*. No Século 17, as árvores eram algo comum em todo o norte da Europa. Um homem de 35 anos, não identificado, que visitou Estrasburgo em 1605 deixou esta descrição em seu diário de viagem: “Na época do Natal, em Estrasburgo, as pessoas colocavam abetos em sua sala de estar. Em seguida, penduravam rosas cortadas em papéis de muitas cores, 40 maçãs, bolachas e (decorações) banhadas a ouro.”^[4] Mas isso não significa que as pessoas estavam colocando pinheiros na vertical no meio de uma sala de estar. Em algumas partes da Áustria e da Alemanha, a árvore era pendurada de cabeça para baixo em um canto da sala e decorada com maçãs, nozes e tiras de papel colorido. Outras não eram nada mais que grossos galhos pendurados em janelas e portas. Ainda havia pelo menos um século antes de que o símbolo assumisse sua forma atual.

Nesta época, os historiadores também puderam traçar as primeiras menções de *Sinterklaas* na Europa, uma fusão de São Nicolau, Papai Inverno e, possivelmente, Odin. Não está claro em que ponto o bispo cristão se fundiu com o personagem de inverno e possivelmente com o deus nórdico, mas a maioria dos elementos da lenda de *Sinterklaas* parece muito estranho para qualquer tradição cristã, mesmo considerando que as vidas dos santos adquiriram traços fantásticos durante a Idade Média. De acordo com o folclore, *Sinterklaas* cavalgava pelos céus em um cavalo, seguido por um grupo de ajudantes negros ou demoníacos que o informavam sobre o comportamento humano. Em outras versões, *Sinterklaas* chegava às aldeias acompanhado de um ajudante negro chamado *Zwarte Piet* (Pete Negro), um personagem diabólico que infligia punições corporais a crianças ou as sequestrava para levá-las a um lugar de tormento.



Uma representação de *Sinterklaas* e Pete Negro.

Na noite de 5 de dezembro, as crianças holandesas estudavam as Escrituras por horas a fio antes

do advento do *Sinterklaas*, pois o propósito de sua visita era catequizá-las em seu conhecimento bíblico. Era absolutamente essencial que eles passassem no teste com notas boas, pois o fracasso significaria a condenação irreversível de suas almas.

Cerca de cinco minutos antes da chegada do *Sinterklaas*, as crianças da casa formavam uma fila organizada atrás da porta da frente. Depois de um hino curto exaltando-o por sua benignidade incomparável, a porta se abria. Uma mão velha entrava pela abertura da porta e jogava um punhado de doces pelo corredor. Então, sem aviso, a porta se abria e *Sinterklaas* entrava, geralmente um pai, parente ou vizinho disfarçado.

O carrancudo *Sinterklaas* entrava na sala de visitas e circulava pelas crianças, com a capa vermelha como vinho amarrada sobre a alva branca de bispo que tremulava atrás dele. Depois de um longo tempo, as crianças ansiosas eram obrigadas a puxar uma cadeira cada uma. Ele, então, andava de um lado para o outro na frente deles, batendo ritmicamente com uma vara contra uma palma aberta enquanto os interrogava em áreas aleatórias da Bíblia.

— Quem desobedeceu a Deus e foi transformado em um pilar de sal?

— Que mar Moisés abriu?

— Recite os 10 mandamentos!

Para cada resposta correta, as crianças eram recompensadas com outro punhado de doces (e, às vezes, laranjas). Por outro lado, cada erro significava um tapa na mão ou na traseira da criança. As crianças que não conseguiam responder de maneira correta eram condenadas a uma eternidade nas entranhas ardentes do Inferno. As crianças que falhavam por dois anos seguidos eram amontoadas no saco imundo de *Sinterklaas* e prematuramente arrastadas para o covil de Lúcifer.

Os aragões espanhóis conquistaram Bari, juntamente com o resto dos territórios dentro do Reino normando das Duas Sicílias, em 1.442. A Holanda seguiu o exemplo quando se permitiu absorver o reino dos Habsburgos espanhóis pouco mais de um século depois. Pouco depois da transição, os bispos católicos holandeses começaram a passar o verão na Espanha, e o espírito de São Nicolau, segundo eles, viajou para o verdejante campo espanhol com eles. No início, um grande obstáculo impediu *Sinterklaas* de romper com seus deveres – ele não conseguia tirar os olhos das crianças holandesas, de modo a manter seu registro de comportamento preciso e atualizado. Assim sendo, *Sinterklaas* empregou um jovem mourisco chamado *Zwart Piet* (Pete Negro) e encarregou-o de monitorar as crianças e atualizar os registros em sua ausência temporária. Mais tarde, *Zwart Piet* começou a acompanhar *Sinterklaas* em suas expedições de entrega de presentes, carregando em sua bolsa, varas de vidoeiro para crianças desobedientes e ímpias.

Benjamin K. Swartz, Jr., professor de antropologia, descreveu o caráter de Pete Negro em mais detalhes: “Em função, Pete Negro serve como uma versão não-pagã holandesa do alemão *Knecht Ruprecht* (Farmhand Rupert)... um duende negro, ajudando São Nicolau como um disciplinador ou uma criança. Ruprecht aparece desganhado, com um saco nas costas... e vara na mão nos Séculos 16 e 17... A contraparte inglesa de *Knecht Ruprecht*, Robin Goodfellow é documentado já em 1.489, [e] tinha uma gargalhada como “Ho Ho Ho”. De fato, numerosas “pessoinhas” sobrenaturais estavam associadas a São Nicolau nessa época do folclore alemão, contribuindo para seu eventual status de elfo e sua colaboração com os ajudantes elfos.”

Os suecos do Século 19, talvez retirando uma página do livro dos cristãos britânicos na década de 1.550, saíam às ruas com desfiles dramáticos e altamente coloridos, destinados a elevar o espírito de Natal. Sujeitos da corte e servos da comitiva do rei Oscar II – alguns com rostos cobertos de maquiagem no palco e outros escondidos atrás de máscaras intrincadamente detalhadas – cantavam canções natalinas e balançavam suas cestas de presentes nos braços. A variedade de roupas era interminável, variando de realeza e soldados a marinheiros e arlequins assustadores. A figura central do panteão sueco de presentes era *Julbocken*, uma “cabra de Natal” que primeiro se infiltrou no popularismo via *Petter och Lottas Jul (O Natal de Pedro e Lotta)*, publicado pela autora Elsa Beskow. A cabra mágica, provavelmente outro derivado de *Knecht Ruprecht*, foi retratada como um personagem mítico que dava presentes de boa-vontade às crianças bem-comportadas.

O *Tomten* foi outro personagem proeminente no panteão. *Tomtens* eram criaturas minúsculas e gordinhas parecidas com gnomos, com barbas brancas e encaracoladas e gorros vermelhos pontudos que viviam no porão de cada casa sueca, protegendo todas as crianças e animais da vizinhança dos maus espíritos e outras energias negativas. Em meados de dezembro, o *tomtens* mudavam-se para o porão, espaço oculto sob escadarias e outros cantos da casa. Uma vez que todos os membros da família estavam confortavelmente acomodados em suas camas, os gnomos travessos saíam de seus esconderijos e guardariam doces e bugigangas valiosas em fendas difíceis de encontrar, estabelecendo uma espécie de caça ao tesouro para a família.

No entanto, se a família provocasse *tomten*, eles retaliaram. A família então se via como alvo de brincadeiras leves, mas irritantes (ou seja, sumiço de meias, luvas, brinquedos, ou o prematuro azedamento do leite), e seria amaldiçoada com uma onda de má sorte.

Em 1.800, dois personagens foram fundidos em um: o *Jultomten*, também conhecido como *Tomten*, ou *Nisse*. *Jultomten* era um metamorfo severo, sem brincadeiras, que assumia a forma de um cavaleiro de costas curtas e tortas, vestido com um longo casaco esfarrapado. Sua cesta de presentes ficava nas costas de seu carneiro de estimação. Na véspera de Natal, *Jultomten* batia em todas as portas. — As crianças dessa casa foram boas? — explodia ele do outro lado da porta. Quando *Jultomten* recebia a confirmação dos pais da casa, ele bruscamente entrava pela porta e entregava os presentes, supostamente entrando e saindo pela porta num piscar de olhos.

Para expressar sua gratidão, as crianças preparavam tigelas de mingau salgado e travessas de amêndoas e manteiga e as deixavam pelas principais entradas de suas casas. *Jultomten* também poderia ser agradecido com ofertas de tabaco ou licor. Aqueles que não conseguiram fazê-lo corriam o risco de incorrer na ira do presenteador. Não só eles seriam ignorados pelo *Jultomten* no ano seguinte, mas também eram submetidos a truques e brincadeiras cruéis.

Além disso, na Suécia e em certas partes da Alemanha, as pessoas começaram a trocar presentes que chamavam de “*Yule-klapp*” como uma espécie de reverência a São Nicolau. *Yule-klapp* eram tipicamente colares com pingentes, anéis cravejados de pedras preciosas ou algum outro presente brilhante. Os presentes eram embrulhados em um pano de seda e colocados em várias caixas de tamanhos crescentes, criando um efeito de bonecas russas. Conforme ditado pela tradição, o portador do presente batia na porta da casa do destinatário e, quando o destinatário viesse cumprimentá-lo, o portador do presente jogava o *Yule-klapp* pela porta e corria o mais rápido que

suas pernas fossem capazes, de modo a manter sua identidade velada.

A mistura de São Nicolau e os costumes de Natal ao longo do tempo resultaram apenas em tradições mais charmosas. Na França, *Père Noël* (a versão francesa de São Nicolau) era apresentada como um cavaleiro idoso e esguio, vestido com um manto vermelho folgado de capuz, enfeitado com pelo branco. Seus presentes não eram arrastados em um saco, mas sim, em um *hotte*, um cesto feito à mão semelhante aos transportados por colheitadeiras de uva. No dia 24 de dezembro, crianças francesas espanavam suas botas e *sabots* (tamancos esculpidos em madeira), enchiam-os de cenouras e fatias de maçã para a mula do *Père Noël*, Gui, e colocavam-nos junto à lareira. Para *Père Noël*, prepararam um copo de vinho fino ou *Calvados*, este último era um tipo de aguardente de maçã ou pera produzido na região da Normandia na França.

Ao contrário da crença popular, o mítico portador de presentes nem sempre era uma figura masculina. Leve em conta, por exemplo, Lady Befana do folclore italiano. Quando os Três Reis Magos se aventuraram no Oriente Médio em busca do rei recém-nascido, confiaram na Estrela de Belém como sua bússola. Sua extensa viagem levou-os através de numerosas cidades e países, entre eles uma cidade obscura e sem identificação na Itália. Os habitantes de todas as aldeias por onde passavam se reuniram em multidões para escoltá-los ao destino. Quando os magos-magnéticos passaram pela aldeia italiana, todos os aldeões se espalharam pelas ruas e marcharam em massa, juntando-se ao cortejo veloz dos sábios, exceto por uma velhinha.

— Venha depressa! — gritaram os vizinhos para ela. — Os três magos estão aqui!

— Não esperem por mim — respondeu a velha senhora, mandando-os seguir com sua vassoura. — Ainda há muito trabalho doméstico a ser feito, mas não tenho dúvidas de que terminarei antes da partida deles.

A velha senhora continuou a trabalhar em torno de casa, varrendo, esfregando e limpando, ignorando o sol poente, depois o sol nascente. Quando ela finalmente terminou o trabalho doméstico, largou a vassoura e enxugou as mãos nas laterais do vestido irregular, admirando a impecabilidade de sua própria obra. Só então prestou atenção ao silêncio profundo e ao feixe de luz do sol matinal acariciando sua bochecha. A velha senhora pegou a caixa de presente na mesa do jantar e saiu mancando porta afora, com a vassoura ainda na mão, mas os aldeões haviam partido há muito tempo.

La Befana, como foi batizada, ainda precisava completar sua busca pelo rei recém-nascido. Todos os anos, no dia 6 de janeiro, ela pula em sua vassoura e voa pelo continente, parando na casa de todas as crianças ao longo do caminho. Ela pesca um dos presentes de sua cesta, que usa como uma mochila, e desliza pela chaminé, criando uma pilha de bugigangas com meias tricotadas à mão ou colocando-as sob as árvores de Natal. Ainda incapaz de localizar o rei recém-nascido, ela dá um presente a todas as crianças, na esperança de que ela finalmente o encontre.

Quando a história de Befana foi estabelecida pela primeira vez no Século 13, as crianças eram obrigadas a ficar em suas camas. Aqueles que desrespeitaram as advertências dos pais, diz-se, recebiam uma pancada forte em seus traseiros de sua vassoura. Para agradecer a Befana por suas ações, cada família enchia um prato com sanduíches e outros com petiscos, acompanhados por um copo de vinho tinto.

As crianças italianas passavam a última semana de dezembro tricotando meias e compondo listas de desejos, bem como cartas endereçadas à Befana detalhando seus comportamentos no ano passado. Crianças bem-comportadas poderiam esperar encontrar lindas bonecas, fantoches feitos à mão e novidades de madeira em suas meias. Crianças indisciplinadas, por outro lado, recebiam meias recheadas com alho, carvão e bulbos de cebola velha.

Papai Noel na América

“O Papai Noel é alguém que ama o outro e procura fazê-lo feliz; quem se dá por pensamento ou palavra ou ação em todo presente que dá; que compartilha suas alegrias com aqueles que estão tristes; cuja mão nunca está fechada contra os necessitados... que reconhece um camarada e irmão em cada homem que encontra no caminho comum da vida...” – Edwin Osgood Grover, 1.912

O cavalo alado de São Nicolau pousou no Novo Mundo no início do Século 17, ao lado dos colonos holandeses e alemães que se estabeleceram na América do Norte. Poucos registros sobreviveram, mas os historiadores acreditam que as tradições da doação dos presentes que cercam o santo magnânimo foram praticadas pela primeira vez por famílias holandesas, predominantemente em Nova Amsterdam (agora Nova York). Colonos alemães, belgas e poloneses na Pensilvânia também podem ter celebrado o dia festivo de São Nicolau.

No dia 23 de dezembro de 1.773, James Rivington, nascido na Inglaterra, publicou um artigo na *New York Gazetteer* cobrindo o Boston Tea Party. Nele, mencionou que clãs de famílias holandesas haviam se reunido em uma taverna local para homenagear São Nicolau: “Na segunda-feira passada, o aniversário de São Nicolau, também chamado de Papai Noel, foi celebrado no Protestant Hall, na casa do sr. Waldron; onde um grande número dos filhos daquele santo antigo celebrou o dia com grande alegria e festividade.” Rivington foi, portanto, o primeiro a publicar um artigo na América do Norte que mencionava São Nicolau e seu dia de festa pelo nome. Como se pode assumir, ele também fez a primeira referência ao “Papai Noel”.

São Nicolau desapareceu dos jornais e não foi novamente visto até aproximadamente 20 anos depois, quando suas tradições foram ressuscitadas por um nova-iorquino chamado John Pintard. Pintard – um comerciante, filantropo, maçom ativo e secretário da Academia de Belas Artes – insinuou sua intriga com São Nicolau em seu diário particular em 1.793 e 1.797, mas não foi até os primeiros anos do Século 19 que ele tirou seu movimento do papel.



Pintard.

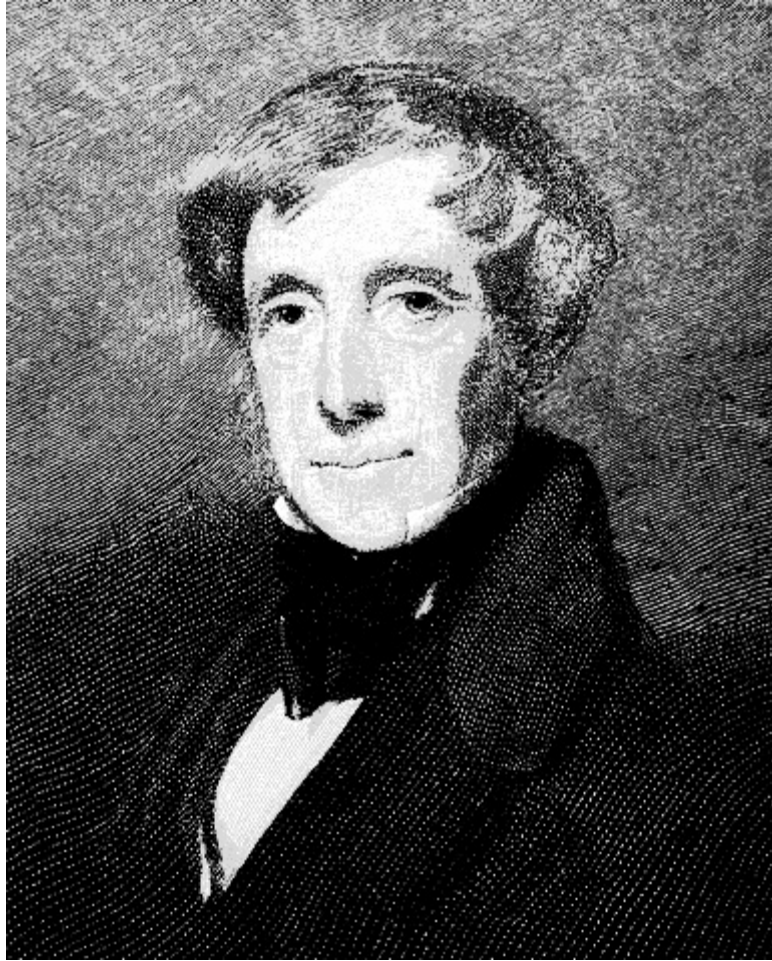
Em 1.804, Pintard se tornou um dos 11 fundadores da Sociedade Histórica de Nova York, considerado o primeiro museu do estado. Pintard reconhecia a importância de armazenar e preservar revistas, livros, relatos de testemunhas oculares e outros registros da história, salvando-os da “poeira e obscuridade”. O cinismo desses homens foi endurecido por suas experiências durante a Revolução Americana e a invasão britânica da cidade de Nova York em 1.776. Eles ansiavam por tempos mais simples e estavam perturbados pela imoralidade e falta de Deus que pareciam definir as normas de Nova York.

São Nicolau foi oficialmente adotado como mascote da sociedade, uma personificação dos dias doces e descomplicados do passado. Em 1.809, Pintard fez o seguinte brinde nas comemorações do jantar anual da sociedade: — Pela memória de São Nicolau. Que os hábitos virtuosos e as maneiras simples de nossos ancestrais holandeses não sejam perdidos nos luxos e refinamentos do tempo presente.

As menções apaixonadas de São Nicolau que Pintard fez na mesa de jantar não se perderam entre sua família e amigos. Com o tempo, a maioria da família se cansou do assunto e só pôde se dar ao luxo de, na melhor das hipóteses, se render com pouco pena, dando-lhe poucas respostas. Dois dos camaradas mais próximos de Pintard, no entanto, continuaram interessados: Washington Irving, autor de Manhattan e ministro Episcopaliano, e o escritor de meio período Clement Clark Moore.



Irving.



Moore.

O inquisitivo Irving chamou atenção pela primeira vez para a figura em janeiro de 1.808. Naquele mês, ele escreveu em *Salamagundi*, uma revista literária de sua criação e renomada por satirizar políticos influentes, “o notável São Nicolau – vulgarmente chamado de ‘Papai Noel’ – de todos os santos do calendário, o mais venerado pelos verdadeiros holandeses e seus descendentes não sofisticados.” O sarcasmo escorrendo pelo trecho acima é um tema comum e presente em muitos dos trabalhos de Irving, mas estão, ao mesmo tempo, misturados com pistas que apontam para seu amor não expresso, mas genuíno, pela temporada de inverno. Ele fez uma segunda referência mais elaborada ao Papai Noel em seu livro de história satírica, *History of New York*. O livro foi publicado sob o pseudônimo holandês de “Diedrich Knickerbocker” no dia 6 de dezembro de 1.809, daí o título alternativo do manuscrito: “*Knickerbocker's History of New York from the Beginning of the World to the End of the Dutch Dynasty*.” (A história de Nova York por Knickerbocker desde o início do mundo até o fim da dinastia holandesa).

Em *History of New York*, São Nicolau foi reconhecido como santo padroeiro de Nova Amsterdã e descrito como um “velho holandês, apelidado de ‘Papai Noel’, que estacionava sua carroça nos telhados e entrava pelas chaminés com presentes para as crianças que dormiam em seu dia de festa”.

Em um esforço para superar as comemorações do ano anterior, Pintard contratou o artista Alexander Anderson para produzir uma ilustração em xilogravura delicadamente detalhada de São Nicolau, que poderia ser passada pelos convidados no jantar. Alexander entregou o que prometeu, e no dia 6 de dezembro de 1.810, Pintard exibiu avidamente a xilogravura feita em dois painéis.

À esquerda, havia um retrato de Nicolau como bispo, retratado como um cavalheiro de rosto encouraçado e careca, com uma barba branca emaranhada e uma haste de bétula em uma mão e um saco de moedas de ouro na outra. À direita, uma imagem de duas crianças, uma jovem bem-conservada com um sorriso doce (“a criança boa”) e um menino chorando com uma camisa fora da calça e roupas amarrotadas (“a criança má”). As crianças estavam empoleiradas no topo de uma lareira crepitante ladeada por duas meias. A inscrição abaixo dessas imagens dizia:

“São Nicolau, meu querido bom amigo!

Servir você sempre foi o meu objetivo,

Se você, agora, me der algo,

Eu servirei você enquanto viver.”

Uma quinzena depois, o *New York Spectator* publicou um poema saudando o “bom homem santo”. Tanto o poema quanto a xilogravura continham ovos de Páscoa, sugerindo as origens holandesas das tradições, como as laranjas encontradas nas meias da criança bem-comportada. Acredita-se que isso tenha sido feito em deferência à realeza de Orange-Nassau.

Pintard e Irving transformaram São Nicolau (e Papai Noel), uma antiga figura de culto, em um nome familiar, mas sua ligação com o Natal ainda era inexistente. O Natal havia sido um marco no Novo Mundo desde a era colonial, mas pouco era sagrado nas festividades. As pessoas causavam estragos alegres nas ruas, usando o feriado como uma desculpa para consumir barris de bebida alcoólica e, bêbados, dispararem seus revólveres.

Tanto Pintard quanto Irving expressaram sua desaprovação do feriado, que havia se desviado de seu verdadeiro significado, em várias ocasiões. Pintard, por exemplo, insistiu que fosse restrito a uma “viagem de inverno voltada a família para uma sociedade educada”. Irving reproduziu os sentimentos de Pintard em *Sketch Book* publicado em 1.819. Ao descrever uma família comendo um delicioso jantar de Natal, ele estava reforçando e apoiando o conceito então impopular de uma comemoração familiar.

O ministro Clement Clark Moore ficou satisfeito com a crescente popularidade de São Nicolau, mas ficou ainda mais satisfeito quando se deparou com um caminho óbvio, porém inexplorado. Em 1.823, Moore publicou “Um relato de uma visita de São Nicolau”, também publicado como “Foi na noite antes do Natal”. Nesse poema cativante, Moore propositadamente ligou a chegada de São Nicolau à véspera de Natal, que ele esperava validar ainda mais a causa de Pintard e Irving.

Supostamente, Moore teve sua inspiração durante um passeio de compras em um trenó, e ele baseou seu Papai Noel em um holandês que vivia no Chelsea.

“Então, até o topo da casa, os corcéis voaram,
com o trenó cheio de brinquedos, e São Nicolau também.

E, então, em um piscar de olhos, eu ouvi no telhado
o empinado e o movimento de cada pequeno casco.
Quando estiquei minha mão, e estava virando,
descendo pela chaminé, São Nicolau veio com tudo.
Ele estava vestido todo em pele, da cabeça até o pé,
e suas roupas estavam manchadas de cinzas e fuligem;
um pacote de brinquedos que ele tinha jogado nas costas,
e ele parecia um vendedor prestes a abrir sua bolsa.
Seus olhos – como eles brilhavam! Suas covinhas tão alegres!
Suas bochechas eram como rosas, seu nariz como uma cereja!
Sua pequena boca divertida estava desenhada como um arco,
e a barba de seu queixo, branca como a neve...

São Nicolau não era mais um fantasma vingativo e ameaçador, com um humor perverso, mas sim um sujeito jovial de bochechas coradas e nariz vermelho com olhos suaves e cintilantes. A interpretação de Moore de São Nicolau era misericordiosa e dócil, equipada com uma “barriga redonda que tremia como uma tigela cheia de gelatina” com cada nota de sua risada musical. Várias outras passagens do poema contêm descrições vívidas de sua aparência, e novos detalhes de sua história também foram divulgados.

A partir do seguinte, pode-se perceber que São Nicolau era pequeno, não maior que um elfo:

“Nada além de um trenó em miniatura e oito renas minúsculas,
Com um pequeno motorista velho, tão animado e rápido,
Eu soube rápido que deveria ser São Nicolau!”

Os nomes das renas de São Nicolau, bem como seus métodos de pouso e atracação, também foram revelados:

“... E então, em um piscar de olhos, ouvi no telhado
O empinar e o movimento de cada pequeno casco...
E ele assobiou e gritou, e chamou pelos nomes:
— Agora, Corredora! Agora, Dançarina! Agora, Empinadora e Astuta!
Vai, Cometa! Vai, Cupida! Vai, Relâmpago e Trovão!

Em menos de 20 anos, o poema anônimo, reproduzido livremente em todos os jornais da temporada de inverno, ficou conhecido nos Estados Unidos e, de lá, se espalhariam para o resto do mundo inglês. “Os nova-iorquinos da Genteel abraçaram a versão doméstica e centrada nas crianças do Natal de Moore, como se tivessem feito isso a vida toda.”^[5] Clement Clarke Moore tomou crédito pelo poema anos mais tarde, mas alguns críticos literários acham que o verdadeiro autor foi um homem, chamado Henry Livingston, um fazendeiro que escrevia poemas e os publicava anonimamente. Os filhos adultos de Livingston lembraram, mais tarde, que o pai deles havia lido esses versículos quando ainda eram crianças.

Independente­mente disso, nas décadas que se seguiram, mais autores assumiram a responsabilidade de detalhar o passado de São Nicolau. Em 1.849, o missionário e escritor James Rees publicou um conto intitulado “Uma lenda de Natal”, acrescentando a Sra. Noel à mistura pela primeira vez. O enredo gira em torno de um casal perdido que bate na porta de uma família aleatória e pede refúgio do frio. No final da história, a família descobre que os estranhos – que inicialmente suspeitavam ser o Sr. e a Sra. Noel – eram, na verdade, parentes há muito perdidos disfarçados.

Os autores observantes notaram a recepção positiva em torno da nova personagem, e alguns deles rapidamente embarcaram na moda. Nos próximos anos, a Sra. Noel tornou-se uma personagem recorrente em numerosos livros, poemas e canções dedicadas a São Nicolau. O protótipo da Sra. Noel era uma personagem memorável, mas de passado pouco criativo, com um senso de moda peculiar e uma propensão para festas de Natal. Em alguns relatos, a Sra. Noel vestia vários tons de vermelho, enquanto no artigo de E.C. Gardner, “A Hickory Back-Log”, ela chamou atenção com seu vestido xadrez verde-floresta.

No best-seller infantil de 1.878, *As viagens de Lill nas terras do Papai Noel e outras histórias*, a Sra. Noel foi retratada como uma mulher apaixonada e secretária fiél. A protagonista, Lill, descreve-a como “uma senhora sentada em uma mesa dourada, escrevendo em um grande livro”. O marido e a esposa trabalhavam em equipe, com o Papai Noel observando o comportamento das crianças de seu telescópio com a esposa, que por sua vez registrava as observações dele em um caderno.



Uma representação de 1.878 do Papai Noel e da Sra. Noel.



Um postal de 1.919 do Papai Noel e da Sra. Noel.

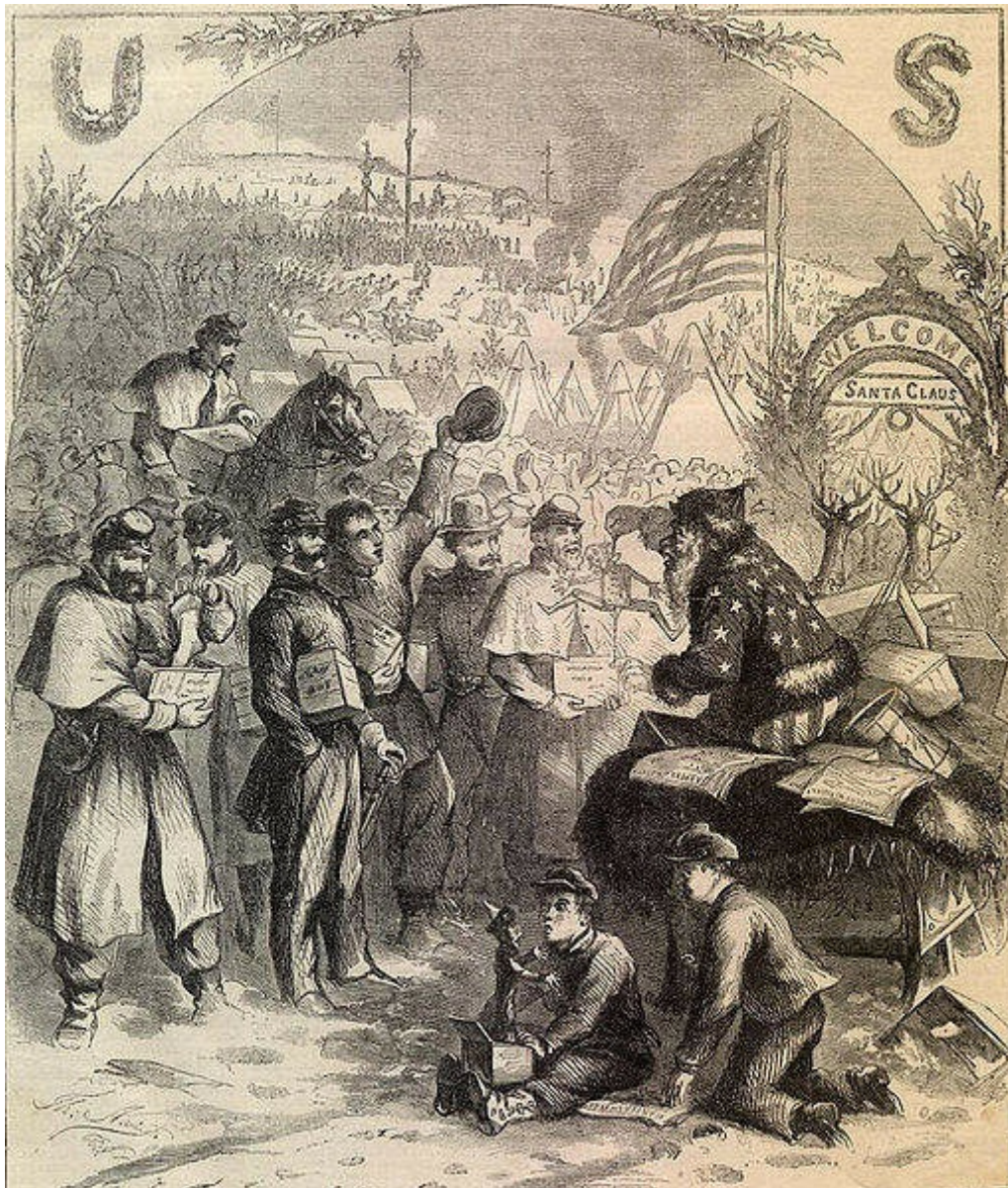
Quando retratada por autores do sexo feminino, a Sra. Noel era tão gentil e inteligente quanto era teimosa e sincera. No poema de Katharine Lee Bates, “Goody Santa Claus on a Sleigh Ride,” publicado em 1.889, a Sra. Noel exige que seja permitida a bordo do trenó do Papai Noel com a intenção de entregar os brinquedos. Ela defende seu caso no seguinte trecho:

“— A casa é o lugar adequado da mulher? Bobagem, Bom Homem! Deixe nossos pomares frutados respondem pelo valor de uma mulher ao ar livre... Enquanto amarro sua capa de pele mais perto, beijarei seu queixo avermelhado. Estou tão feliz que posso cantar, assim como os sinos tocam! Os coletes à prova de nuvens estão prontos? Tirra-lirra! Me abrace.”

O poema de Natal de Moore foi uma sensação enorme, tanto que os jornais nacionais coletivamente o reimprimiam sempre que as férias chegavam.

Thomas Nast, cartunista e caricaturista da *Harper's Weekly*, foi especialmente tomado pela opinião de Moore sobre São Nicolau. Estimulado pelos detalhes variados, mas convincentes, da história do passado de São Nicolau que existia no mundo literário, Nast arregaçou as mangas e começou a trabalhar no desenvolvimento de uma interpretação própria.

A primeira ilustração do Papai Noel de Nast foi publicada na edição de 3 de janeiro de 1863 da *Harper's Weekly*. Na foto politicamente carregada, legendada como “*Papai Noel no acampamento*,” o anti-confederado Papai Noel que apoiava a União, estava vestido com um casaco todo enfeitado de peles e estrelas patrióticas brancas, além de calças listradas com as cores da bandeira americana. De pé, diante do Papai Noel, havia uma multidão de soldados adultos, um dos quais é visto admirando as meias que lhe foram presenteadas.



Nast, inadvertidamente, iniciou um novo capítulo na história do Papai Noel nos Estados Unidos.

Os laços religiosos da figura com o santo original haviam sido eliminados para dar lugar a um personagem secular que promovia alegria, boa vontade e patriotismo durante a temporada de inverno. Contos apareceram sobre o próprio Presidente Lincoln ter contratado Nast para produzir a ilustração como propaganda de recrutamento, mas independentemente de como aquilo aconteceu, o efeito foi inegável, e Lincoln ficou tão impressionado com os resultados que ele chamou o Papai Noel de “o melhor sargento de recrutamento que o Norte já teve”. Do outro lado da luta, os pais usaram o personagem para enfatizar a força opressiva do bloqueio da União: “Nem mesmo o Papai Noel poderia passar pelo bloqueio dos Yankees.”

Nast, eventualmente, eliminou os elementos flagrantemente patrióticos de suas ilustrações posteriores do Papai Noel. A imagem patriótica do Papai Noel foi aposentada, e em seu lugar surgiu um casaco liso e calças em cores sólidas, junto com um chapéu peludo. Ele não era mais um porta-voz da União, mas mais uma vez uma gentil figura paterna.

Para ser justo, as crianças em todo o mundo sempre foram céticas quanto à existência do Papai Noel, uma figura convenientemente evasiva investida de maneira irrazoável em sua conduta. Três anos antes do Século 19 chegar ao fim, uma jovem tomou a iniciativa de buscar respostas para si mesma. Nas primeiras semanas de setembro, o escritório do *New York Sun* recebeu uma carta curta, mas poderosa, de Virginia O’Hanlon, de oito anos de idade. O principal escritor editorial, Francis Pharcellus Church, ficou particularmente comovido com a investigação de O’Hanlon, e a carta de O’Hanlon e a resposta de Church foram publicadas em 21 de setembro de 1897. A conversa entre eles logo quebraria recordes como o editorial mais reimpresso de todos os tempos.

A carta de O’Hanlon dizia:

“Caro editor –

Eu tenho oito anos de idade. Alguns dos meus amiguinhos dizem que o Papai Noel não é real. O papai diz:

— Se você leu isso no *The Sun*, então é verdade. Por favor, me diga a verdade, o Papai Noel existe?

Church respondeu: “VIRGINIA, seus amiguinhos estão errados. Eles foram afetados pelo ceticismo de uma idade cética... Sim, VIRGINIA, existe um Papai Noel. Ele existe tão certamente quanto o amor e a generosidade e a devoção existem, e você sabe que elas abundam e dão à sua vida a mais alta beleza e alegria. Olhe só! Quão triste seria o mundo se não houvesse Papai Noel. Seria tão triste como se não houvesse VIRGINIAS... Graças à Deus ele vive e viverá para sempre. Daqui a mil anos, Virginia, ou melhor, dez vezes dez mil anos a partir de agora, ele continuará a alegrar o coração da infância...”

Papai Noel se torna comercializável

“Eles quem pensam que Papai Noel entra pela chaminé. Ele entra pelo coração.” – Charles W. Howard, fundador da escola Charles W. Howard Santa Claus

Para aqueles que o conheciam, o empresário escocês-americano James Edgar era a reencarnação do próprio São Nicolau. Em 1.878, pouco depois de se mudar para Boston, Massachusetts, Edgar construiu a partir do zero uma loja de produtos secos. Foi apropriadamente chamada de “Boston Store”, mas mais tarde foi rebatizada como “Edgar’s”. Edgar não era só um indivíduo bem-humorado e altamente espirituoso, com uma risada contagiante, mas qualquer um que se deparasse com Edgar se beneficiaria de sua generosidade sem limites.

Em contraste com os empregadores cruéis e arrancadores de dinheiro que obrigavam seus funcionários a trabalhar horas extras sem pagamento, a Boston Store ficava aberta de manhã à noite apenas três vezes por semana. Como tal, os funcionários eram autorizados a fechar a loja no início da tarde, quatro dias da semana, para que o restante do dia pudesse ser gasto com suas famílias. Edgar também tinha no coração os melhores interesses de seus clientes. Ele permitia que os clientes mais pobres colocassem um certo número de itens no crédito e concedia 4% de juros mensais a qualquer soma que pudessem pagar pelo depósito. O filantrópico Edgar também era um vizinho fantástico, comprometido em servir sua comunidade. Ele regularmente pagava as contas médicas das crianças indigentes da cidade, enquanto mantinha sua identidade escondida.

Acima de tudo, Edgar era um personagem divertido e extravagante que adorava crianças tanto quanto gostava de se vestir bem. Fotografias preservadas por entes queridos e publicadas em jornais locais mostram-no em vários trajes, de George Washington ao Tio Sam. Em ocasiões especiais, como no 4 de julho, ele subia até o telhado da loja de Boston e jogava moedas de um centavo e outras pequenas bugigangas para a multidão vertiginosa abaixo.



Edgar vestido de palhaço.

Nos primeiros anos após a inauguração da Boston Store, Edgar acrescentou um toque extra de cor à época natalícia, vestindo sua fantasia de palhaço favorita. Ele continuou com essa tradição até 1.890, quando redescobriu o Papai Noel de Nast em uma edição antiga da *Harper's Weekly*. Naquela mesma tarde, dirigiu-se ao centro da cidade e contratou uma costureira para recriar a fantasia de Papai Noel – como se via na ilustração de Nast – especificamente adaptada às suas dimensões. Edgar lembrou-se mais tarde dos pensamentos que giravam em sua cabeça, dizendo: “Nunca consegui entender por que o grande cavalheiro vive no Polo Norte. Ele está tão longe. Ele só é capaz de ver as crianças um dia por ano. Ele deveria viver mais perto delas.”

Assim que o traje de Papai Noel foi concluído, Edgar retornou ao centro para pegar sua fantasia. Ele então elaborou e publicou um aviso anunciando um encontro com Papai Noel na loja de Boston. Quando o dia chegou, Edgar ficou surpreso com a fila de pais e filhos que esperavam do lado de fora. O empreendedor não convencional agora é carinhosamente lembrado como o primeiro Papai Noel de lojas de departamentos do mundo.

Jake Rossen da *Mental Floss* descreveu os resultados: “A noção de um Papai Noel vivo era tão intrigante que a loja de Edgar atraiu visitantes de lugares tão distantes como Nova York e Rhode Island. No ano seguinte, várias outras lojas por todo o país haviam copiado a ideia, o que ajudou a impulsionar o tráfego de pedestres e as vendas... Ao contrário de muitos de seus sucessores, Edgar nunca teve um lugar para se sentar e ficar ocioso. Ele percorria sua loja, procurando ativamente crianças para que pudessem conversar com ele.”

Tendo em atenção a popularidade do santo secular, que experimentou um ressurgimento recente, as organizações de caridade também adotaram o personagem fictício como seu embaixador. Eles esperavam que a adição do famoso porta-voz munificente encorajaria e incentivaria os benfeitores regulares a aumentarem suas contribuições.

Em 1.891, o capitão, Joseph McFee, do Exército da Salvação dirigiu um projeto que tinha como objetivo proporcionar o jantar de Natal a 1.000 cidadãos carentes durante as festas, gratuitamente. Enquanto ele estava discutindo possíveis maneiras de financiar o projeto, começou a relembrar seus dias como um marinheiro em Liverpool. McFee lembrou que, localizado no porto de Stage Landing, era o pote de Simpson, uma chaleira de ferro grande e vazia que recebia moedas dos transeuntes. No final da semana, as moedas eram coletadas e distribuídas entre os pobres.

No dia seguinte a esse pensamento, McFee comprou uma chaleira de ferro de tamanho similar e a instalou no Oakland Ferry Landing, na Market Street, em São Francisco. O pote de McFee, agora conhecido como “Chaleira Vermelha”, foi um sucesso instantâneo, permitindo que McFee ultrapassasse seu objetivo.

Em 1.897, a tradição da Chaleira Vermelha viajou para a Costa Leste, particularmente a região de Boston. Naquele dezembro, setores do Exército da Salvação nos Estados Unidos orquestraram captadores de recursos que resultaram na distribuição de 150.000 jantares de Natal gratuitos. O Exército da Salvação também promoveu a boa vontade ao contratar homens desempregados, vestindo-os com roupas de Papai Noel e fazendo com que solicitassem doações nas ruas.



Uma foto de 1.902 de um homem angariando fundos para Volunteers for America vestido de Papai Noel.

Em 1.929, o Capitão William Wincapaw, um piloto de hidroaviões do Maine, lançou o programa Flying Santa, no qual aviões entregavam presentes e pacotes de sobrevivência para os guardiões do farol e pessoas que moravam em áreas similarmente isoladas ao longo da costa de New England. O site oficial da sociedade, Flying Santa, descreveu as origens do programa em mais detalhes: “...Começou em 25 de dezembro de 1.929, quando o capitão Wincapaw carregou seu avião com uma dúzia de pacotes contendo jornais, revistas, café, doces e outros itens. Eles eram pequenos luxos e itens comuns que poderiam tornar a vida em uma ilha isolada um pouco mais suportável... Ele voou para [os faróis] ao redor da área de Rockland e deixou esses presentes modestos para as famílias dos faróis. Nunca percebendo o quão bem seu gesto de boa vontade de Natal seria recebido, ele voou para casa para passar o resto do dia com sua família...”

A Coca-Cola Company ser mãe do Papai Noel moderno é algo falso. Na verdade, eles nem foram a primeira empresa de bebidas a apresentar o Papai Noel em suas campanhas de marketing. A White Rock Beverages, que se originou em Waukesha, Wisconsin, engarrafava água doce de nascentes supostamente derivadas de fontes medicinais perto de assentamentos nativos de Potawatomi, e em 19 de dezembro de 1.915, a White Rock usou o Papai Noel para impulsionar as vendas de suas águas minerais pela primeira vez, como visto em um anúncio publicado pelo *San Francisco Examiner*. Na ilustração, Papai Noel é visto ao volante de um trator carregando presentes empilhados sob caixas de White Rock.

O Papai Noel da White Rock reapareceu no *The New York Herald* em 10 de dezembro de 1.916, desta vez dirigindo um avião carregado de presentes. Em 1.923, o Papai Noel da White Tock foi

destaque pela primeira vez em um anúncio colorido, desta vez na edição do dia 12 de dezembro da *Life Magazine*. Ali, o Papai Noel foi visto recostado em uma poltrona fofa, examinando uma lista de crianças obedientes ou não. Garrafas de White Rock são exibidas na mesa do Papai Noel.

A Coca-Cola Company não pode ser creditada com a fabricação do Papai Noel conhecido e amado por crianças em todo o mundo hoje, mas a empresa certamente ajudou a incutir a imagem modernizada nas mentes de milhões de americanos em todo o país. A empresa tentou pela primeira vez a publicidade com o Papai Noel na década de 1.920, aparecendo em um punhado de anúncios publicados por jornais locais, como no *The Saturday Evening Post*. Naquela época, a bebida tinha sido rotulada como uma bebida apropriada apenas para o verão, mas a empresa estava determinada a mudar isso. Assim, anexaram o seguinte slogan à nova campanha: “A sede não depende de nenhuma estação.”

A tentativa inicial da equipe de marketing, que destacou o modelo original de seu mascote, inspirado no Papai Noel de Thomas Nast, fracassou. Em resposta, Archie Lee, um executivo de publicidade, delineou os detalhes para o novo Papai Noel da Coca-Cola: um indivíduo limpo, mas esportivo, que era também um modelo de virtude. Em 1.931, Haddon Sundblom, um ilustrador nascido em Michigan, foi convidado para esboçar o novo e melhorado Papai Noel da Coca-Cola. Sundblom foi instruído a criar um “Papai Noel” realista, ao contrário de um Papai Noel de loja de departamentos, como apresentado em anúncios anteriores.

Sundblom escolheu o Papai Noel de Clemente Moore como base para seu personagem, conforme descrito neste artigo de 1.927 publicado pelo jornal *The New York Times*: “Um Papai Noel padronizado .. aparece para as crianças de Nova York. Altura, peso, estatura são quase exatamente padronizados, assim como as roupas vermelhas, o capuz e os bigodes brancos. O saco cheio de brinquedos, bochechas rosadas e nariz, sobrancelhas espessas e um efeito alegre e barrigudo também são partes inevitáveis da maquiagem necessária.”

Sundblom também selecionou um modelo vivo, usando seu amigo íntimo, um vendedor aposentado chamado Lou Prentiss. Quando Prentiss morreu, Sundblom instalou um espelho em seu estúdio e usou sua própria imagem como guia para as feições do Papai Noel.

O artista encontrava inspirações aonde quer que olhasse. As crianças vistas reunidas ao redor do Papai Noel nas pinturas de Sundblom foram inspiradas nos filhos de seus vizinhos. Um vira-lata visto em seu trabalho posterior foi desenhado com base em um poodle cinza que pertencia a uma florista próxima.

O Papai Noel de Sundblom foi finalmente publicado na edição de inverno de 1.931 do *The Saturday Evening Post*, com um novo slogan: “Tiro meu chapéu para a pausa que refresca.” O Papai Noel da Coca-Cola continuou fazendo aparições recorrentes naquele jornal, assim como no *National Geographic*, *The New Yorker*, e na *Ladies Home Journal*. O Papai Noel de Sundblom foi mais do que simplesmente bem recebido pelo público, mas também supostamente impulsionou as vendas de inverno da empresa (antigamente sua época menos lucrativa) em duas – talvez até três vezes.

Como a Coca Cola, empreendedores ambiciosos em todo o país apressaram-se a extrair o máximo proveito do bem-sucedido sucesso do personagem secular do Papai Noel no mundo

comercial. Em 1937, Charles Willis Howard, um Papai Noel veterano de loja de departamentos que dominava o circuito Macy, decidiu que era hora de refinar a arte. Naquele ano, ele estabeleceu o Escola Charles W. Howard Santa em Nova York, que continua sendo a mais antiga e prestigiada de seu tipo hoje. Obviamente, esta instituição única, descrita pela CBS como a “Harvard das escolas de Papais Noéis”, não ganhou este título e reputação estelar em uma única noite. Howard era um profissional que se orgulhava do seu trabalho, determinado a montar e graduar os melhores Papais Noéis que o mundo já viu.

Para começar, cada aluno recebeu um “Kit Papai Noel,” incluindo sobancelhas com cola, uma barba elástica, maquiagem relevante e assim por diante. As aulas oferecidas pela instituição incluíam a história de São Nicolau e do secular Papai Noel, além da geografia do Polo Norte e palestras que tinham como objetivo familiarizar os alunos com renas, com demonstrações ao vivo. Mais tarde, um currículo separado foi criado para aspirantes a Mamãe Noel. Tom Valent, o atual reitor da instituição (agora em Midland, Michigan), colocou em palavras o principal objetivo de Howard: “Quando você retrata a imagem do Papai Noel, é um privilégio, é uma honra e é uma coisa maravilhosa. É basicamente criar uma pessoa e aproveitar o espírito do Natal – o espírito do Papai Noel. E quando você deixa as pessoas felizes, você sabe como elas são, elas deixam você saber como elas estão se sentindo bem. É apenas uma sensação boa que cresce [e cresce].”

Em janeiro de 1939, os executivos do escritório de Chicago de Montgomery Ward, um varejista de renome nacional, juntaram as cabeças, repassando ideias que tinham o potencial de aumentar e muito as próximas vendas de inverno. Antes disso, a loja de departamentos vendia livros de colorir com temática natalina para as crianças durante os feriados, o que era um modelo perfeitamente lucrativo. No entanto, ocorreu a um dos executivos que seria mais rentável e recompensador montar um livro de Natal original.

O redator Robert May foi selecionado para assumir o projeto. No começo, May achou difícil superar os obstáculos de seu bloqueio criativo. Ele estava lutando financeiramente, ainda sofrendo com os golpes infligidas pela Grande Depressão. A angústia provocada pelas crescentes tensões, indicativas de uma grande guerra na Europa, não ajudou em nada sua ansiedade. Pior ainda, sua esposa estava gravemente doente com câncer, e as contas médicas crescentes do falido só aumentaram seus problemas.

Com a tarefa de criar uma história centrada em um animal adorável e semi-antropomórfico, May escolheu a rena clássica e nomeou seu protagonista de nariz vermelho “Rudolph”. Como a maioria dos grandes escritores, May incorporou suas próprias características em Rudolph, descrevendo-o como uma rena corajosa e incompreendida, inicialmente rejeitada por seu nariz vermelho que piscava, mas cuja deformidade acabou salvando o Natal. May também se inspirou nas histórias do poema de Moore, assim como no clássico de Hans Christian Andersen, “O Patinho Feio”.

Em dezembro de 1939, as 620 filiais da Montgomery Ward deram a cada criança visitante uma cópia gratuita do panfleto de 32 páginas, totalmente ilustrado, que totalizava cerca de 2,4 milhões de cópias no total. Um memorando publicado pelo departamento de publicidade dois meses antes explicava o raciocínio por trás dessa tática de marketing: “Acreditamos que uma ação exclusiva como essa, agressivamente anunciada em nossos jornais e circulares, pode trazer a cada loja uma quantidade incalculável de publicidade... e, muito mais importante, uma tremenda quantidade de

tráfego natalino.”

Previsivelmente, empresas de todos os tipos e tamanhos não perderam tempo em pegar carona naquele trem. Nas décadas que se seguiram, as mercadorias do Papai Noel foram produzidas e colocadas no mercado em massa, inclusive em caixas de chocolates, cigarros, calendários, barras de sabão e quase todos os outros produtos imagináveis. Canções sobre o Papai Natal também foram produzidas em dezenas, como “Santa Baby,” “I Saw Mommy Kissing Santa Claus,” “Here Comes Santa Claus,” e “Santa Claus is Coming to Town.” O secular Papai Noel também fez várias aparições em anúncios, alardeando “máquinas de tempestade de neve” um dia e divulgando latas de sopa Campbell no próximo.

Em outro eco do passado, o rosto do Papai Noel estava estampado em vários cartazes de propaganda distribuídos pelos Estados Unidos durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Com os homens nas linhas de frente, esperava-se que as mulheres americanas cuidassem do país que era seu lar. A primeira-dama, Eleanor Roosevelt, pediu às mulheres em todo o país que se levantem para o desafio e se encaregassem das vagas que agora ficaram vagas. Ela pediu aos americanos: “O lugar de uma mulher é no escritório, na fábrica, no tribunal, no mercado, na estação de abastecimento de esquina e em outros locais numerosos demais para serem mencionados.” Um artigo de 1.941 do *St. Louis Star Times* reconheceu a lógica nas palavras da primeira-dama: “Era costume em tempo de guerra que as mulheres assumissem numerosos trabalhos convencionalmente reservados aos homens.”

Eles insistiram, no entanto, que as mulheres não tinham o que era necessário para desempenhar o papel de Papai Noel. “Há um domínio masculino... que deve ser defendido a todo custo”, afirmou o autor do artigo. “Uma mulher Papai Noel? Deus me livre! Isso estenderia a credulidade de criancinhas inocentes demais.”

Para a consternação de puritanos conservadores do Papai Noel, muitos endossaram publicamente a ideia de uma mulher de Papai Noel, incluindo o próprio Charles Howard. Em 1.937, ele anunciou a adição de uma divisão feminina ao *Associated Press*. O trabalho da Sra. Noel, disse Howard, era “cumprimentar as meninas, descobrir o que querem em suas meias de Natal, ensiná-las a brincar com bonecas, casas de boneca, louças e roupas.”

Felizmente, alguns empresários desconsideraram as normas antiquadas e sexistas da época e construíram uma plataforma comercial para uma mulher Papai Noel. Uma legenda sob uma fotografia publicada pelo *Associated Press* em novembro de 1.942 menciona a primeira aparição de um Papai Noel mulher em uma loja de departamentos: “A escassez de mão-de-obra chegou até mesmo ao velho São Nicolau... Esta senhora Papai Noel apareceu – vestida como o Sr. Noel, exceto pelos bigodes – em uma loja de departamento de Chicago, e os jovens pareceram, mesmo assim, felizes em contar a ela quais presentes queriam.”

Um mês depois, o *Brooklyn Eagle* relatou: “Incapaz de encontrar um homem adequado para o trabalho, uma loja FW Woolworth em Union, New Jersey... também contratou um Papai Noel mulher... [chamada] Sra. Anna Michaelson... [Ela] usava uma saia, em vez de calças, mas todas as outras vestimentas eram as mesmas que as do tradicional Noel.”

Esse novo fenômeno foi recebido por reações conflitantes. Alguns aplaudiram esses varejistas

pela tática de marketing progressista, enquanto outros tradicionalistas, mais sensíveis, se revoltaram com a prática, aparentemente ao ponto de alguns, como o jornalista Henry McLemore, não conseguirem seguir com suas vidas. “[Eu recebi] o choque da minha vida quando a vi [...] Se existe algo como um horror insignificante, então um pequeno horror dessa guerra são as Papais Noéis mulheres. Papai Natal! São Nicolau! Papai Noel! Santo Deus!”

Um artigo de novembro de 1942 publicado pelo *Wichita Daily Times* continuou reclamando: “Pode-se confundir as sensibilidades dos jovens ouvirem uma voz de soprano, em vez de um baixo profundo, soando por trás dos bigodes.” Dito isto, o artigo terminou com uma nota sensata: “[As crianças] já foram sensatas o suficiente para fingir que não sabiam que o Papai Noel das lojas de departamento era uma fraude: aceitar uma dama do Papai Noel não impõe uma tensão intolerável à sua pretensa inocência.”

Um artigo publicado em dezembro de 1942 pelo *The Washington Post* pode ter resumido as coisas com a posição mais prática possível: “Em vez de desapontar os jovens, parece melhor ter um Papai Noel mulher do que nenhum Papai Noel.”

Hoje, o Papai Noel é mais importante e mais difundido do que nunca. Há inúmeras referências ao Papai Noel em livros, poemas, filmes, animações e outras formas de mídia e arte. O Papai Noel é comercialmente invencível. Em 2016, o setor de varejo dos Estados Unidos registrou um acréscimo de mais de 700.000 empregos sazonais durante as festas de fim de ano e, nesse mesmo ano, os consumidores gastaram cerca de US\$ 700 bilhões em compras de Natal.

Os Papais Noéis das lojas de departamento, agora mais conhecidos como Papais Noéis de shoppings, continua em alta demanda, ganhando uma média entre US\$ 35 a US\$ 50 por hora, ou cerca de US\$ 10.000 a US\$ 20.000 a cada temporada. Uma fração de Papais Noéis empreendedores contratados por pequenos empregadores e agências independentes arrecada até US\$ 1 mil por dia, servindo de entretenimento para festas de alto nível e reuniões corporativas de oligarcas russos, celebridades e outras figuras influentes.

Dada a atemporalidade evidente e popularidade internacional do Papai Noel, só se pode imaginar o que está reservado para ele no futuro.

Recursos online

[Outros livros sobre Natal pela Charles River Editors](#)

[Outros livros sobre cristianismo pela Charles River Editors](#)

[Outros livros sobre o Papai Noel na Amazon](#)

Leitura Complementar

Editors, R. *Santa Claus*. 11 Dec. 2017, www.revolvy.com/page/Santa-Claus. Accessed 5 Dec. 2018.

Editors, C C. *5 Things You Never Knew About Santa Claus and Coca-Cola*. 1 Jan. 2012, www.coca-colacompany.com/stories/coke-lore-santa-claus. Accessed 5 Dec. 2018.

Editors, P D. *A Pictorial History of Santa Claus*. 2013, publicdomainreview.org/collections/a-pictorial-history-of-santa-claus/. Accessed 5 Dec. 2018.

Harris, J. *Santa Timeline: Before He Was Cheery and Chubby*. 25 Dec. 2011, articles.latimes.com/2011/dec/25/image/la-ig-santa-timeline-20111225. Accessed 5 Dec. 2018.

Editors, W C. *St. Nicholas, Santa Claus & Father Christmas*. 2017, www.whychristmas.com/customs/fatherchristmas.shtml. Accessed 5 Dec. 2018.

Editors, H C. *Santa Claus*. 16 Feb. 2010, www.history.com/topics/christmas/santa-claus. Accessed 5 Dec. 2018.

Editors, T W. *The History of Santa Claus: 7 Interesting Facts*. 23 Dec. 2011, theweek.com/articles/479681/history-santa-claus-7-interesting-facts. Accessed 5 Dec. 2018.

Solow, M. *Santa Claus History: How St. Nicholas and Kris Kringle Became Santa*. 8 Dec. 2017, www.learningliftoff.com/santa-claus-origins-and-traditions/. Accessed 5 Dec. 2018.

Editors, R. *Father Christmas*. 9 Dec. 2017, www.revolvy.com/page/Father-Christmas. Accessed 5 Dec. 2018.

Anderson, W. *5 Things You Might Not Know About Santa Claus*. 19 Dec. 2014, www.huffingtonpost.ca/ward-anderson/santa-claus-facts_b_6330148.html. Accessed 5 Dec. 2018.

Editors, N A. *Don't Take Odin out of Yule*. 19 Dec. 2014, www.norwegianamerican.com/featured/dont-take-odin-out-of-yule/. Accessed 5 Dec. 2018.

Editors, U H. *Norse God Odin as Santa Claus?* 8 Dec. 2009, universalheretic.wordpress.com/2009/12/08/norse-god-odin-as-santa-claus/. Accessed 5 Dec. 2018.

Brown, E W. *Irrefutable Proof That Santa Is Odin*. 2012, infolocata.com/mirovia/irrefutable-proof-that-santa-is-odin/. Accessed 5 Dec. 2018.

Mankey, J. *The History and Origins of Santa Claus*. 17 Dec. 2013, www.patheos.com/blogs/panmankey/2013/12/the-history-and-origins-of-santa-claus/. Accessed 5 Dec. 2018.

Rich, S. *Pagan Origins of Christmas: Where Santa Claus, His Chariot and Christmas Decorations Came From*. 13 Mar. 2017, www.simonarich.com/pagan-origins-of-christmas/. Accessed 5 Dec. 2018.

Editors, C G. *Santa Claus and His Origins in Germanic Folklore*. 23 Dec. 2015, celto-germanic.blogspot.com/2015/12/santa-claus-and-his-origins-in-germanic.html. Accessed 5 Dec. 2018.

Völundarhúsins, F. *The Old Norse Yule Celebration – Myth and Ritual*. 21 Dec. 2012, freya.theladyofthelabyrinth.com/?page_id=397. Accessed 5 Dec. 2018.

Green, C R. *A Guide to the Evolution of St Nicholas and His Cult*. 2015, www.arthuriana.co.uk/xmas/pages/folklore.htm. Accessed 5 Dec. 2018.

Editors, L. *Medieval Saint*. 23 Nov. 2018, www.livius.org/articles/person/nicholas-of-myra/nicholas-of-myra-2/? Accessed 5 Dec. 2018.

Swartz, B K. *THE ORIGIN OF AMERICAN CHRISTMAS MYTH AND CUSTOMS*. 2015, [www.arthuriana.co.uk/xmas/swartz/American Christmas Origins.htm](http://www.arthuriana.co.uk/xmas/swartz/American%20Christmas%20Origins.htm). Accessed 5 Dec. 2018.

Editors, Z M. *Science Santa History: The Origins of Santa Claus*. 6 Dec. 2013, www.zmescience.com/other/feature-post/science-santa-history-the-origins-of-santa-claus/. Accessed 5 Dec. 2018.

Editors, S V. *Santa and Odin - Christmas and Yule*. 15 Dec. 2017, sonsofvikings.com/blogs/history/viking-origins-of-christmas-yule-traditions. Accessed 5 Dec. 2018.

Woodbury, S. *Santa Claus and the Wild Hunt*. 21 Dec. 2013, www.sarahwoodbury.com/santa-claus-and-the-wild-hunt/. Accessed 5 Dec. 2018.

Editors, P S. *Legend of Santa Claus*. Oct. 2011, push-stop.blogspot.com/2011/10/legend-of-santa-claus.html. Accessed 5 Dec. 2018.

Holloway, A. *The Ancient Origins of Santa Claus*. 24 Dec. 2014, www.ancient-origins.net/myths-legends/ancient-origins-santa-claus-001137. Accessed 6 Dec. 2018.

McNamara, D. *Solstice, Santa and A New (Old) Winter Narrative*. 22 Dec. 2014, unraveledword.wordpress.com/tag/santa-and-woden/. Accessed 6 Dec. 2018.

Editors, K K. *History of Santa Claus*. 2018, www.kriss-kringle.com/history.html. Accessed 6 Dec. 2018.

Editors, H I. *The Shocking Pagan Origin of CHRISTMAS!* 2017, www.hope-of-israel.org/cmas1.htm. Accessed 6 Dec. 2018.

Handwerk, B. *From St. Nicholas to Santa Claus: the Surprising Origins of Kris Kringle*. 6 Dec. 2013, news.nationalgeographic.com/news/2013/12/131219-santa-claus-origin-history-christmas-facts-st-nicholas/. Accessed 6 Dec. 2018.

Mosteller, A M. *Who Is Santa, and What Does He Have to Do With Christmas?* 12 Dec. 2011, www.crosswalk.com/special-coverage/christmas-and-advent/who-is-santa-and-what-does-he-have-to-do-with-christmas.html. Accessed 6 Dec. 2018.

Editors, S N. *St. Nicholas and the Origin of Santa Claus*. 29 Nov. 2016, www.stnicholascenter.org/pages/origin-of-santa/. Accessed 6 Dec. 2018.

Krystek, L. *AKA Santa Claus*. 2003, www.unmuseum.org/santa.htm. Accessed 6 Dec. 2018.

Mikkelson, D. *Did Coca-Cola Invent the Modern Image of Santa Claus?* 18 Dec. 2001, www.snopes.com/fact-check/the-claus-that-refreshes/. Accessed 6 Dec. 2018.

Johnson, B. *A Medieval Christmas*. 2016, www.historic-uk.com/HistoryUK/HistoryofEngland/A-Medieval-Christmas/. Accessed 6 Dec. 2018.

Editors, S N. *Gift-Giver*. 2005, www.stnicholascenter.org/pages/gift-giver/. Accessed 6 Dec. 2018.

Editors, N C. *19 Little-Remembered Facts About St. Nicholas*. 5 Dec. 2016, www.ncregister.com/blog/joseph-pronechen/19-little-remembered-or-forgotten-things-about-st.-nicholas. Accessed 6 Dec. 2018.

Fletcher, D, and M Roper. *The History behind Many of Our Christmas Traditions*. 22 Dec. 2009, www.mirror.co.uk/news/uk-news/the-history-behind-many-of-our-christmas-traditions-438065. Accessed 6 Dec. 2018.

Editors, S. N. (2017). What About Santa? A Discussion Guide. Retrieved December 6, 2018, from <http://www.stnicholascenter.org/pages/what-about-santa/>

Editors, G. L. (2014, December 7). Forget Santa – Meet the Christkind! Retrieved December 6, 2018, from <https://blogs.transparent.com/german/forget-santa-meet-the-christkind/>

Steves, R. (2017, December). Celebrating with the Christkind: A Germanic Christmas. Retrieved December 7, 2018, from <https://www.ricksteves.com/watch-read-listen/read/articles/celebrating-with-the-christkind>

Editors, A. O. (2017, December 25). Christkind: How Does this Christmas Gift-Bringer Differ from Santa Claus? Retrieved December 7, 2018, from <https://www.ancient-origins.net/history-ancient-traditions/christkind-how-does-christmas-gift-bringer-differ-santa-claus-008842>

Editors, J. Q. (2015, December 14). Instead of Santa, Christkindl. Retrieved December 7, 2018, from <https://thejesusquestion.org/2015/12/14/instead-of-santa-christkindl/>

Derksen, T. (2016). La Befana: The Witch of Christmas. Retrieved December 7, 2018, from <https://www.ottawaitalians.com/Heritage/befana.htm>

Editors, G. V. (2016, December 26). La Befana: The Christmas Witch Italian Children Love. Retrieved December 7, 2018, from <http://www.grandvoyageitaly.com/piazza/la-befana-the-christmas-witch-italian-children-love>

Crowell, N. (2017, May 8). The Story of Befana, The Italian Santa Claus. Retrieved December 7, 2018, from <https://theculturetrip.com/europe/italy/articles/the-story-of-befana-the-italian-santa-claus/>

Copeman, D. (2005). Who Is Father Christmas? Retrieved December 7, 2018, from <http://www.timetravel-britain.com/articles/christmas/santa.shtml>

Editors, W. C. (2017). Christmas in the United Kingdom. Retrieved December 7, 2018, from <https://www.whychristmas.com/cultures/uk.shtml>

Green, C. R. (2015). The English Father Christmas: A Separate Origin. Retrieved December 7, 2018, from <http://www.arthuriana.co.uk/xmas/pages/english.htm>

Editors, S. N. (2017). Father Christmas. Retrieved December 7, 2018, from <http://www.stnicholascenter.org/pages/father-christmas/>

Editors, F. M. (2017, December 20). Santa Claus in France: Le Père Noël. Retrieved December 7, 2018, from <https://frenchmoments.eu/santa-claus-in-france-le-pere-noel-en-france/>

Editors, F. E. (2017). Père Noël. Retrieved December 10, 2018, from <https://www.frenchentree.com/living-in-france/culture/pere-noel/>

Allen, S. (2016, December 18). Père Noël: What sets the French Santa Claus apart from the rest? Retrieved December 10, 2018, from <https://www.myfrenchlife.org/2016/12/18/pere-noel-french-santa-claus/>

Editors, I. B. (2017). Pere Noel. Retrieved December 10, 2018, from <http://www.indobase.com/holidays/christmas/characters/pere-noel.html>

Lestz, M. (2018). History of Father Christmas in France. Retrieved December 10, 2018, from <https://www.thegoodlifeFrance.com/history-father-christmas-france/>

Fredriksson, J. (2017, December 19). How the Swedish Christmas Goat (Julbocken) turned into Santa Claus (Jultomten). Retrieved December 10, 2018, from <http://www.swedishpress.com/article/how-swedish-christmas-goat-julbocken-turned-santa-claus-jultomten>

Editors, N. T. (2009, December 4). JULTOMTEN – SWEDEN’S SANTA CLAUS. Retrieved December 10, 2018, from <https://naturetravels.wordpress.com/2009/12/04/jultomten-swedens-santa-claus/>

Editors, F. D. (2013). Jultomten. Retrieved December 10, 2018, from <https://encyclopedia2.thefreedictionary.com/Jultomten>

Editors, H. T. (2016, December 22). Who’s Who?: Santa Claus, Saint Nick, and Father Christmas. Retrieved December 10, 2018, from <http://historythings.com/whos-santa-claus-saint-nick-father-christmas/>

Cash, J. (2017). Mummers' Plays. Retrieved December 10, 2018, from <https://theatrelinks.com/mummers-play/>

Smith, A. F. (2015, December 21). The Christmas Conspiracy (or How New Yorkers Created Santa Claus). Retrieved December 10, 2018, from <https://www.ediblemanhattan.com/drink/how-new-yorkers-created-santa-claus/>

Weeney, E. (2016). A HISTORY OF SANTA CLAUS. Retrieved December 10, 2018, from <http://erinsweeneydesign.com/news/the-history-of-santa-claus/>

Westover, J. (2014, November 6). History of the American Santa. Retrieved December 10, 2018, from <https://mymerrychristmas.com/history-of-the-american-santa/>

Flanders, J. (2017, October 19). The 18th-Century Politics of Santa Claus in America. Retrieved December 10, 2018, from <http://www.thehistoryreader.com/modern-history/18th-century-politics-santa-claus-america/>

Abler, A. (2007, Fall). Just Who Is Santa Claus? Retrieved December 10, 2018, from http://www.vision.org/visionmedia/history_of_santa_claus_4118.aspx

Horowitz, K. (2016, December 21). The Secret History of Mrs. Claus. Retrieved December 10, 2018, from <http://mentalfloss.com/article/90113/secret-history-mrs-claus>

Morton, E. (2015, December 16). Does Mrs. Claus Have a Life of Her Own? Retrieved December 10, 2018, from <https://www.atlasobscura.com/articles/does-mrs-claus-have-a-life-of-her-own>

Editors, N. M. (2015). “YES, VIRGINIA, THERE IS A SANTA CLAUS”. Retrieved December 10, 2018, from <http://www.newseum.org/exhibits/online/yes-virginia/>

Editors, N. H. (2017). About the New-York Historical Society. Retrieved December 10, 2018, from <https://www.nyhistory.org/about>

Browne, P. (2014, December 6). “Santa Claus was Made by Washington Irving”. Retrieved December 10, 2018, from <https://historicaldigression.com/2014/12/06/santa-claus-was-made-by-washington-irving/>

Moran, B. F. (2014, October 4). The Christmas Legend of Abraham Lincoln. Retrieved December 10, 2018, from <https://mymerrychristmas.com/the-christmas-legend-of-abraham-lincoln/>

Editors, S. W. (2017). The Children's Friend. Retrieved December 10, 2018, from <http://www.santaswhiskers.com/the-children-s-friend.html>

Rossen, J. (2016, December 12). James Edgar, the Pioneering Department Store Santa. Retrieved December 10, 2018, from <http://mentalfloss.com/article/89374/james-edgar-pioneering-department-store-santa>

Allegrini, E. (2008, November 16). James Edgar’s Santa Claus — the spirit of Christmas. Retrieved December 10, 2018, from <https://www.enterpriseneews.com/x1013044544/James-Edgar-s-Santa-Claus-the-spirit-of-Christmas>

Editors, S. A. (2017). Red Kettle History. Retrieved December 10, 2018, from <https://www.salvationarmyusa.org/usn/red-kettle-history/>

Editors, W. R. (2015). Does Santa Claus still drink White Rock® ? Retrieved December 10, 2018, from <http://www.whiterocking.org/santa.html>

Editors, C. C. (2011, July 12). Coke Lore. Retrieved December 10, 2018, from http://web.archive.org/web/20110712060502/http://www.thecoca-colacompany.com/heritage/cokelore_santa.html

Editors, H. P. (2017, December 19). Meet Haddon Sundblom, Creator of Coca-Cola's Santa Claus. Retrieved December 10, 2018, from https://www.huffingtonpost.com/entry/meet-haddon-sundblom-creator-of-coca-colas-santa_us_5a3935a2e4b0578d1beb7326

Editors, A. O. (2017). Charles W. Howard Santa Claus School. Retrieved December 10, 2018, from <https://www.atlasobscura.com/places/charles-w-howard-santa-claus-school>

Pilley, K. (2017, December 21). Santa School: It's hard work to be Father (or Mother) Christmas. Retrieved December 10, 2018, from <https://www.usatoday.com/story/travel/destinations/2017/12/21/santa-school-its-hard-work-father-mother-christmas/972057001/>

Winowiecki, E. (2017, December 20). The "Harvard of Santa Schools" can be found in Midland, Michigan. Retrieved December 10, 2018, from <http://www.michiganradio.org/post/harvard-santa-schools-can-be-found-midland-michigan>

Klein, C. (2014, December 19). Rudolph the Red-Nosed Reindeer. Retrieved December 10, 2018, from <https://www.history.com/news/rudolph-the-red-nosed-reindeer-turns-75>

Daugherty, G. (2017, December 18). In World War II America, Female Santas Took the Reins. Retrieved December 10, 2018, from <https://www.smithsonianmag.com/history/world-war-ii-america-female-santas-took-reins-1809675>

MacLellan, L. (2016, December 24). The economics of being Santa. Retrieved December 10, 2018, from <https://qz.com/870466/the-economics-of-being-santa/>

Tague, B. (2017). THE ORIGINS AND HISTORY OF THE FLYING SANTA. Retrieved December 10, 2018, from <https://www.flyingsanta.com/HistoryOrigins.html>

Livros gratuitos da Charles River Editors

Temos novos títulos disponíveis gratuitamente na maioria dos dias da semana. Para ver quais de nossos títulos estão atualmente gratuitos, [clique neste link](#).

Livros com desconto da Charles River Editors

Temos títulos todos os dias por apenas 99 cents. Para ver quais de nossos títulos custam apenas 99 cents, [clique neste link](#).

[1] Ace Collins, *Stories Behind the Great Traditions of Christmas*, 2003.

[2] *Gotham: A History of New York City to 1898* by Edwin G. Burrows, Mike Wallace, pp 462.

[3] Em dezembro de 2017, oficiais turcos declararam que os ossos de São Nicolau haviam sido encontrados, notícia que provocou incensas reações da cidade de Bari, na Itália, aonde supostamente haviam sido levados durante as Cruzadas, e onde a magnífica Basílica de São Nicolau está localizada.

[4] *Deutsch: Denken, wissen und kennen*. Holt, Rinehart and Winston, 1966.

[5] Ibid.